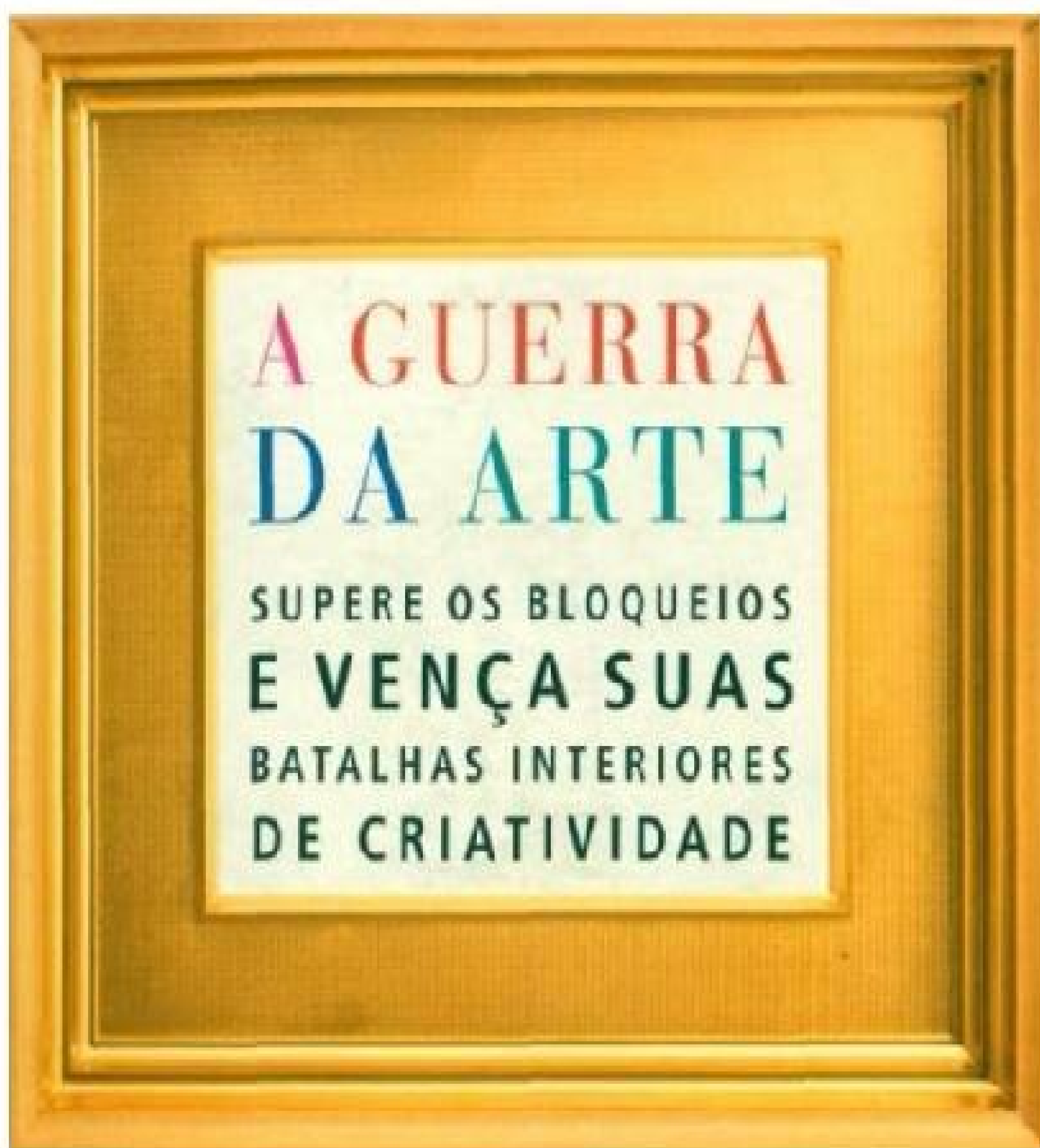


STEVEN **PRESSFIELD**

SUMÁRIO

PREFÁCIO

de Robert McKee

Steven Pressfield escreveu *A guerra da arte* para mim. Certamente, também o escreveu para você, mas sei que ele o fez expressamente para mim porque sou detentor de recordes olímpicos de procrastinação. Sou capaz de procrastinar o ato de pensar sobre meu problema de procrastinação. Sou capaz de procrastinar a iniciativa de lidar com meu problema de procrastinar ato de pensar sobre meu problema de procrastinação. Assim. Pressfield, esse demônio, pediu-me para escrever o prefácio *e estabeleceu um prazo de entrega* sabendo que, por mais que eu protelasse, por fim teria que me dar por vencido e fazer o trabalho. Em cima da hora, finalmente me debrucei sobre a tarefa e, enquanto folheava o Livro Um, *"Definindo o inimigo"*, me vi refletindo, com ar de culpa, a cada página. Entretanto, o Livro Dois me deu um plano de batalha, o Livro Três, uma visão da vitória, e ao fechar *A guerra da arte*, senti uma onda de calma positiva. Agora sei que posso vencer esta guerra. E se eu posso, você também pode. No inicio do Livro Um, Pressfield rotula de Resistência inimigo da criatividade - um termo abrangente para o que Freud denominou "pulsão de morte", aquela força destrutiva que habita o âmago da natureza humana e que aflora sempre que consideramos uma ação de longo prazo que pode fazer algo de realmente bom para nós ou para outrem. Em seguida, ele apresenta uma galeria das muitas manifestações da Resistência.

Você reconhecerá cada uma delas, porque esta força reside no íntimo de todos nós – auto-sabougem, auto-engano, auto-corrupção. Nós escritores a conhecemos por "bloqueio", uma paralisia cujos sintomas podem provocar um comportamento espantoso. Há alguns anos, eu estava tão bloqueado quanto o esgoto de Calcutá, então o que fiz? Resolvi experimentar todas as minhas roupas. Para mostrar até que ponto posso chegar, vesti cada camisa,

calça, suéter, paletó e meia, separando-as em pilhas: primavera, verão, outono, inverno, Exército da Salvação. Em seguida, experimentei todas elas novamente, desta vez classificando-as em primavera informal, primavera formal, verão informal... Depois de dois dias assim, pensei que estava enlouquecendo. Quer saber como curar um bloqueio de escritor? “Não é com uma visita ao psiquiatra, pois como Pressfield destaca, buscar apoio" é a mais sedutora forma de Resistência. Não, a cura encontra-se no Livro Dois: "Tornando-se um profissional". Steven Pressfield é a própria definição de um profissional. Sei disso porque já perdi a conta do número de vezes que convidei o autor de *“The legend of Bagger Vance”* para uma partida de golfe e, embora tentado, ele recusou. Por quê? Por que estava trabalhando e, como qualquer escritor que já deu uma tacada sabe, o golfe é uma forma particularmente virulenta de procrastinação. Em outras palavras, Resistência. Steve concentra uma disciplina forjada em aço. Li Portões de fogo e Tempos de Guerra, de Steve, de ponta a ponta enquanto viajava pela Europa. Veja bem, não sou um sujeito lacrimoso; eu não chorava com um livro desde The Red Pony, mas esses romances me emocionaram. Vi-me sentado em cafés, contendo as lágrimas por causa da coragem altruísta daqueles gregos que moldaram e salvaram a civilização ocidental. Ao olhar sob sua prosa fluida e sentir a profundidade da pesquisa, do conhecimento da sociedade e da natureza humana, dos detalhes vívidamente imaginados da narrativa, fui tomado de uma admiração reverente pela obra, por todo o trabalho que construiu as bases de suas fascinantes criações. E não estou sozinho nesta avaliação. Quando comprei os livros em Londres, contaram-me que os romances de Steve agora são recomendados pelos professores de história de Oxford, os quais dizem a seus alunos que, se quiserem conhecer a vida na Grécia clássica, leiam Pressfield. Como um artista alcança esse poder? No segundo livro, Pressfield expõe a campanha do profissional, dia a dia, passo a passo, preparação, ordem, paciência, perseverança, atitude diante do medo e do fracasso – nada de desculpas, nada de tolices. E melhor é o brilhante ímpeto de Steve de que antes de tudo e sempre, o profissional deve se concentrar no perfeito domínio de seu ofício. O Livro Três, 'O reino superior", aborda a Inspiração, esse resultado sublime que viceja nos sulcos do profissional que coloca os arreios e ara os campos de sua arte. Nas palavras de Pressfield: ·'Quando diariamente nos sentamos e fazemos nosso trabalho, o poder se concentra ao nosso redor ... tornamo-nos um bastão magnetizado que atrai limalhas de ferro. As ideias vêm. “Os *insights*

acumulam-se." A esse respeito, o efeito da Inspiração, Steve e eu concordamos plenamente. De fato, imagens e ideias surpreendentes surgem como se saíssem do nada.

Na realidade, esse, lampejos aparentemente espontâneos são tão formidáveis, que é difícil acreditar que nosso insignificante eu os tenha criado. De onde, então, vem nosso melhor material?

É sobre este ponto, entretanto, a causa da Inspiração, que ternos visões diferentes. No **Livro Um**, Steven remonta as raízes evolutivas da Resistência aos genes. Concordo. A causa é genética. Essa força negativa, esse sombrio antagonismo à criatividade, está profundamente imbuída em nossa condição humana. Mas no Livro Três, ele muda de direção e procura a causa da Inspiração não na natureza humana, mas em um "reino superior". Em seguida, com um fogo poético, expõe sua crença em musas e anjos. A fonte máxima da criatividade, argumenta, é divina. Muitos, talvez a maioria dos leitores, acharão o Livro Três profundamente emocionante. Eu, por outro lado, credito que a fonte da criatividade encontra-se no mesmo plano de realidade da Resistência. Ela, também, é genética. Chama-se talento: poder inato de descobrir a conexão oculta entre duas coisas-imagens, ideias, palavras - que ninguém nunca associou antes, criando para o mundo uma terceira obra, absolutamente única. Como nosso Q.l., o talento é um dom de nossos ancestrais. Se tivermos sorte, nós o herdamos. Nos poucos e afortunados talentosos, a sombria dimensão de suas naturezas, primeiro resiste ao trabalho que a criatividade impõe, mas assim que se dedicam à tarefa, seu lado talentoso começa a agir e os recompensa com feitos surpreendentes. Esses lampejos de genialidade criativa parecem surgir do nada pela razão óbvia: vêm do inconsciente. Em resumo, se a Musa existe, ela não sussurra aos ouvidos dos desprovidos de talento. Assim, embora Steve e eu possamos discordar quanto à causa, concordamos quanto ao efeito: quando a inspiração toca o talento, produz verdade e beleza. E quando Steven Pressfield escrevia *A guerra da arte*, ela sem dúvida tinha mãos sobre ele.

O QUE EU FAÇO

Eu me levanto, entro no chuveiro, tomo o café da manhã. Leio o jornal, escovo os dentes. Se tiver telefonemas a dar, telefono. Pego uma caneca de café. Calço minhas botas da sorte que uso para trabalhar e amarro os cadarços da sorte que minha sobrinha Meredith me deu. Dirijo-me ao meu escritório, ligo o computador. Meu moletom da sorte, de capuz, está dobrado sobre a cadeira, com o talismã da sorte que comprei de uma cigana em *Saintes Maries de la Mer* pelo equivalente a apenas oito dólares, e minha etiqueta da sorte com o nome LARGO, que veio de um sonho que tive uma vez. Coloco tudo. Sobre o meu *thesaurus* está o canhão da sorte do *Castelo do Morro*, Cuba, que meu amigo Bob Ver-sandi me deu. Aponto-o na direção de minha cadeira, para que possa disparar inspiração em mim. Faço minha oração, que é a "Invocação da Musa", da *Odisseia* de Homero, tradução de T. E. Lawrence, Lawrence da Arábia, que meu querido parceiro Paul Rink me deu e que fica perto da prateleira com as abotoaduras que pertenceram ao meu pai e com meu fruto do carvalho, também um amuleto da sorte, do campo de batalha de Termópilas. São aproximadamente dez e meia agora. Sento-me e mergulho no trabalho. Quando começo a cometer erros de digitação, sei que estou ficando cansado. Passaram-se cerca de quatro horas. Cheguei ao ponto em que as respostas do corpo e da mente vão se reduzindo. Encerro o dia de trabalho. Faço uma cópia do que foi feito em um disquete e guardo-o no porta-luvas do meu caminhão para o caso de haver um incêndio e eu ter que sair correndo. Desligo o computador. São três, três e meia. Fecho o escritório. Quantas páginas produzi? Não me importa. Serão boa? Nem sequer penso nisso. Tudo que conta é que cumpri minhas horas de trabalho e o fiz com toda a concentração. Tudo que importa é que, para este dia, para esta sessão de trabalho, eu superei a Resistência.

O QUE EU SEI

Há um segredo que os verdadeiros escritores conhecem e que os aspirantes a escritor não sabem e o segredo é o seguinte: o difícil não é escrever. O difícil é sentar-se para escrever. O que nos impede de sentar para escrever é a resistência.

A VIDA NÃO-VIVIDA

A maioria de nós possui duas vidas. A vida que vivemos e a vida não-vivida que existe entro de nós. Entre as duas, encontra-se a Resistência.

Você já levou para casa uma esteira ergométrica e deixou-a acumulando poeira no sótão? Já abandonou uma dieta, um curso de yoga, uma prática de meditação? Já se esquivou de um chamado para envolver-se numa prática espiritual, para dedicar-se a uma vocação humanitária, para consagrar sua vida ao serviço de outros? Já que ser mãe, médico, advogado dos fracos e desamparados? Concorrer a um cargo público, tomar parte numa cruzada para salvar o planeta, fazer campanha pela paz mundial ou pela preservação do meio ambiente? Tarde da noite, já experimentou uma visão da pessoa que você poderia se tornar, da obra que conseguiria realizar, do ser realizado que você deveria ser? Você é um escritor que não escreve, um pintor que não pinta, um empresário que nunca se aventurou num empreendimento de risco? Então você sabe o que é Resistência.

Uma noite, quando eu estava deitado,
Ouvi papai conversando com mamãe.
Ouvi papai dizer para deixar o garoto tocar o boogie-woogie.
*Porque isso está dentro dele e ele tem que colocar para fora.**

John Lee Hooker. Letra da canção Boogie Chillen

A Resistência ê a força mais tóxica do planeta. É fonte de mais infelicidade do que pobreza, doença e disfunção erétil. Ceder à Resistência deforma nosso espírito. Atrofia-nos e nos torna menores do que nascemos para ser. Se você acredita em Deus (e eu acredito), deve considerar a Resistência um mal, pois nos impede de alcançar a vida que Deus planejou

* No original em inglês: "One night l was laying'down. / I heard Papa Talkin' to Mama. / I heard Papa say to let

tat boy boogie-woogie. / ‘Cause it’s sit to came out.”

para nós ao dotar cada ser humano de seu próprio e único gênio criativo.

A palavra *gênio* vem do latim *genius*. Os romanos usavam-na nua designar um espírito interior, sagrado e inviolável que nos protege, guiando-nos para nossa vocação. Um escritor escreve com seu gênio; um artista pinta com o seu; todo aquele que cria o faz a partir deste centro sagrado. É a morada de nossa alma, o receptáculo que abriga nosso ser potencial, é o nosso farol, nossa estrela polar.

Todo sol lança uma sombra e a sombra do gênio é a Resistência. Por mais forte que seja o chamado de nossa alma para a realização, igualmente potentes são as forças da Resistência reunidas contra ele. A Resistência é mais rápida do que o projétil de uma arma, mais poderosa do que uma locomotiva, mais difícil de renegar do que cocaína. Não estaremos sozinhos se formos dizimados pela Resistência: milhões de mulheres e homens bons foram derrubados antes de nós. E o pior é que nem ficamos sabendo o que nos atingiu. Eu nunca soube. Dos 24 aos 32 anos, a Resistência me jogou treze vezes da Costa Leste para a Oeste e novamente para a Leste e eu nem sequer sabia de sua existência. Procurava o inimigo em toda parte e não conseguia vê-lo bem diante de mim.

Você provavelmente Já ouviu a história: mulher fica sabendo que tem câncer, seis meses de vida. Em poucos dias, pede demissão do trabalho, retoma seu sonho de compor canções *Tex-Mex* que abandonou para cuidar da família (ou começa a estudar grego clássico ou muda-se para a cidade e dedica-se a cuidar de bebês com AIDS). Os amigos da mulher acham que ela enlouqueceu; ela mesma nunca se sentiu mais feliz. Há um pós-escrito: o câncer da mulher começa a regredir.

É necessário tudo isso? É preciso encarar a morte para nos levantarmos e confrontarmos a Resistência? É preciso que a Resistência aleije e desfigure nossas vidas para despertarmos para a sua existência? Quantos de nós se tornaram bêbados e viciados, desenvolveram tumores e neuroses sucumbiram a analgésicos, mexericos e uso compulsivo do telefone celular, simplesmente por não fazer "a aquilo que nossos corações, nosso génio interior, nos impele a fazer? A Resistência nos derrota. Se amanhã de manhã, por algum passe de mágica. Toda alma atordoada e ignorante acordasse com o poder de dar o primeiro passo para ir atrás de seus sonhos, todo psiquiatra na lista telefônica fechasse as portas do consultório. As prisões se esvaziariam. As indústrias de bebidas alcoólicas e de cigarro iriam à falência, assim como os negócios de

comida pronta de má qualidade, de cirurgia cosmética e de programas de entretenimento "instrutivos" na TV, sem mencionar indústrias farmacêuticas, hospitais e a profissão médica de alto a baixo. Os maus-tratos domésticos se extinguiriam, assim como o vício, a obesidade, enxaquecas, fúria no trânsito em caspa.

Olhe no fundo do seu coração. A menos que eu seja louco, neste mesmo instante uma vozinha fraca está sussurrando, dizendo-lhe, como já fez milhares de vezes, qual é a vocação que é sua e apenas sua. Você sabe. Ninguém tem que lhe dizer. E a menos que eu seja louco, você não está mais perto de tomar uma atitude em relação a ela do que estava ontem ou estará amanhã. Acha que a Resistência não é real? A Resistência o matará.

Sabe, Hitler queria ser artista. Aos 18 anos, pegou sua herança, setecentos *kronen*, e mudou-se para Viena para viver e estudar. Inscreveu-se na Academia de Belas-Artes e posteriormente na Faculdade de Arquitetura. Já viu algum quadro dele? Eu também não. A Resistência o derrotou. Pode achar que é exagero, mas vou dizer mesmo assim: foi mais fácil para Hitler deflagrar a 2ª Guerra Mundial do que encarar uma tela em branco.

LIVRO UM

RESISTÊNCIA

Definindo o inimigo

O inimigo é um ótimo professor.
Dalai Lama

OS MAIORES SUCESSOS DA RESISTÊNCIA

A seguir, uma lista, em nenhuma ordem especial, daquelas atividades que mais comumente evocam Resistência:

1. A busca de qualquer vocação em literatura, pintura, música, cinema, dança ou qualquer outra arte criativa, mesmo que marginal ou não-convencional.

1. O lançamento de qualquer empresa ou empreendimento, para fins lucrativos ou outros.

1. Qualquer dieta ou regime de saúde.

1. Qualquer programa de crescimento espiritual.

1. Qualquer atividade cujo objetivo seja um abdômen mais firme.

1. Qualquer curso ou programa destinado a superar um vício ou hábito prejudicial à saúde.

1. Educação de qualquer espécie.

1. Qualquer ato de coragem ética, moral oi política, inclusive a decisão de mudar para melhor algum padrão perverso de pensamento ou conduta em nós mesmos.

1. O empreendimento de qualquer iniciativa ou esforço cujo objetivo seja ajudar os outros.

1. Qualquer ato que implique comprometimento do coração. A decisão de se casar, de ter um filho, de aplainar um trecho particularmente pedregoso de um relacionamento.

1. A adoção de uma atitude de princípios diante da adversidade.

Em outras palavras, qualquer ato que rejeite a gratificação imediata em favor do crescimento, da saúde ou da integridade de longo prazo. Ou, expresso de outra forma, qualquer ato que se origine de nossa natureza superior e não inferior. Qualquer um desses evocará Resistência.

E agora, quais são as características da Resistência?

A RESISTENCIA É INVENCÍVEL

A Resistência não pode ser vista, tocada, percebida através do olfato ou ouvida. Mas pode ser sentida. Nós a experimentamos como um campo energético irradiando-se de um trabalho potencial. É uma força de repulsão. É negativa. Seu objetivo é nos afastar, distrair, nos impedir de fazer nosso trabalho.

A RESISTÊNCIA É INTERNA

A Resistência parece vir do exterior. Nós a localizamos em cônjuges, empregos, chefes e crianças. “Adversários periféricos’’, como Pat Riley costumava dizer quando era técnico do Los Angeles Lakers”. A Resistência não é um adversário periférico.

A Resistência surge em nosso interior. Tem geração própria e perpetua-se por si mesma. A Resistência é o inimigo interno.

A RESISTÊNCIA É INSIDIOSA

A Resistência lhe dirá qualquer coisa para impedi-lo de fazer seu trabalho. Cometerá perjúrio, inventará, falsificará; seduzirá, intimidará, adulará. A Resistência é multiforme. Assumirá qualquer forma necessária para enganá-lo. Argumentará com você como um advogado ou enfiará uma nove milímetros no seu rosto como um assaltante a mão armada. A Resistência é desprovida de consciência. Prometerá o que for preciso para conseguir o que quer e o trairá assim que você lhe virar as costas. Se você acreditar na Resistência, merece o que vier a lhe acontecer. A Resistência está sempre mentindo e enganando.

A RESISTÊNCIA É IMPLACÁVEL

A Resistência é como o Alien, o *Exterminador do Futuro* ou o animal do filme *Tubarão*. Não é possível chamá-la à razão. Não compreende nada além da força. É uma máquina de destruição, programada de fábrica com um objetivo único: impedir-nos de realizar nosso trabalho. A Resistência é implacável. Inflexível, incansável. Reduza-a a uma única célula e esta célula continuará a atacar.

Esta é a natureza da Resistência. É tudo que ela conhece.

A RESISTÊNCIA É IMPESSOAL

A Resistência não está interessada em atacá-lo pessoalmente. Não sabe quem você é e não se importa. A Resistência é urna força da natureza. Ela age objetivamente.

Embora pareça mal-intencionada, a Resistência na verdade age com a indiferença da chuva e transita pelos céus de acordo com as mesmas leis das estrelas. Devemos nos lembrar disso quando argumentarmos nossas forças contra a Resistência.

A RESISTÊNCIA É INFALÍVEL

Como uma agulha magnetizada flutuando em uma superfície de óleo, a Resistência sempre apontará para o Norte – o Norte significando aquela vocação ou ação que ela quer nos impedir de realizar. Podemos usar esse fator como uma bússola.

Podemos navegar usando a Resistência, deixando que ela nos guie para aquela vocação ou ação que devemos seguir antes de qualquer outra. Princípio básico: quanto mais importante uma vocação ou ação for para a evolução de nossa alma, mais Resistência sentiremos em persegui-la.

A RESISTÊNCIA É UNIVERSAL

Estaremos enganados se pensarmos que somos os únicos a lutar contra a Resistência. Tudo que tem corpo sofre Resistência.

A RESISTÊNCIA NUNCA DORME

Henry Fonda continuava a vomitar antes de cada apresentação no palco, mesmo quando já tinha 75 anos. Em outras palavras, o medo não nos abandona. O guerreiro e o artista vivem pelo mesmo código de necessidade, que dita que a batalha tem que ser travada a cada novo dia.

A RESISTÊNCIA JOGA PARA GANHAR

O objetivo da Resistência não é ferir ou aleijar. Sua atenção é matar. Seu alvo é o epicentro de nosso ser: nosso gênio criativo, nossa alma, o dom único e inestimável com que fomos trazidos ao mundo para dar e que ninguém mais possui. A Resistência joga para valer. Ao combatê-la, travamos uma guerra com a morte.

A RESISTÊNCIA ALIMENTA-SE DO MEDO

A Resistência não tem força própria. Cada gota de sua seiva vem de nós. Nós lhe damos força com o nosso medo.

Domine esse medo e vencerá a Resistência.

A RESISTÊNCIA ATUA EM UMA ÚNICA DIREÇÃO

A Resistência obstrui a ação apenas de uma esfera inferior para uma esfera superior. Ela se manifesta quando buscamos seguir uma vocação nas artes, iniciar um empreendimento inovador ou evoluir para um patamar moral ético ou espiritual mais alto.

Portanto, se você estiver em Calcutá trabalhando para a Fundação Madre Teresa e estiver pensando em ir embora para iniciar uma carreira em *telemarketing* relaxe. A Resistência lhe dará um salvo-conduto.

A RESISTÊNCIA É MAIS FORTE NA RETA FINAL

O herói grego Odisseu quase chegou em casa anos antes de seu verdadeiro retorno ao lar. A ilha de Ítaca já estava à vista, suficientemente perto para que os marinheiros pudessem ver a fumaça dos fogões de suas casas no litoral. Odisseu estava tão certo de que já estava a salvo, que se deitou para tirar um cochilo. Foi então que seus homens, acreditando haver ouro em uma sacola de couro que havia entre os pertences de seu comandante, apossaram-se dela e a abriram. A sacola continha os ventos adversos, que o deus Éolo prendera para Odisseu quando o navegador se aproximara anteriormente de sua abençoada ilha. Os ventos irromperam da sacola, livres, com um grande estrondo, arremessando os navios de Odisseu de volta, através de cada légua de oceano que Já haviam atravessado com tanta dificuldade, e fazendo-o suportar novas provações e sofrimentos, até finalmente, sozinho, retornar ao lar para sempre.

O perigo é maior quando a linha de chegada está à vista. Nesse ponto, a Resistência sabe que estamos prestes a vencê-la. Ela acende a luz vermelha. Ela organiza um último ataque e nos golpeia com todas as forças.

O profissional deve estar alerta para esse contra ataque. Cuidado na reta final. Não abra a sacola dos ventos.

A RESISTÊNCIA RECRUTA ALIADOS

Por definição, Resistência é auto-sabotagem. Mas existe um perigo paralelo contra o qual também é preciso se precaver da sabotagem cometida por outros.

Quando um escritor começa a superar sua Resistência - em outras palavras, quando começa realmente a escrever - ele pode verificar que as pessoas próximas começam a agir de modo estranho. Podem se tornar amuadas ou mal-humoradas, podem adoecer, podem acusar o novo escritor de "estar mudado" de "não ser mais quem era". Quanto mais próximas essas pessoas forem do escritor iniciante, de forma mais bizarra irão agir e mais emoção colocarão por trás de seus atos.

Estão tentando sabotá-lo.

A razão é que essas pessoas estão, conscientemente ou não, lutando contra sua própria Resistência. O sucesso do recém-revelado escritor torna-se uma censura a elas. Se ele consegue vencer esses demônios, por que elas não?

Em geral, amigos próximos ou casais, até mesmo famílias inteiras, deixam-se levar em tácitos acordos pelos quais cada indivíduo compromete-se (inconscientemente) a se manter atolado no mesmo lamaçal em que ele e seus colegas passaram a se sentir tão confortáveis. A mais alta traição que um caranguejo pode cometer é saltar para a borda do balde.

O artista deve ser implacável, não só consigo mesmo, mas também com os outros. Uma vez vencida a Resistência, não pode voltar para puxar seu colega que ficou preso pelas calças no arame farpado. O melhor que pode fazer por esse amigo (ele próprio lhe dirá isso, se for realmente seu amigo) é pular o muro e seguir em frente.

A melhor e única coisa que um artista pode fazer por outro é servir de exemplo e de inspiração.

Agora, consideremos o próximo aspecto da Resistência os sintomas.

RESISTÊNCIA E PROCRASTINAÇÃO

A procrastinação é a manifestação mais comum de Resistência porque é a mais fácil de racionalizar. Não dizemos a nós mesmos: “Nunca vou compor minha sinfonia”. Ao invés disso, dizemos: “Vou compor minha sinfonia; só que vou começar amanhã”.

RESISTÊNCIA E PROCRASTINAÇÃO

PARTE DOIS

O aspecto mais pernicioso da procrastinação é que pode se transformar num hábito. Nós não adiamos nossas vidas hoje; nós as adiamos até nosso leito de morte.

Nunca se esqueça: neste exato instante, podemos mudar nossas vidas. Nunca houve um momento, nem nunca haverá, em que não tenhamos o poder de alterar nosso destino. Neste mesmo segundo, podemos virar a mesa sobre a Resistência.

Neste mesmo segundo, podemos nos sentar e fazer nosso trabalho.

RESISTÊNCIA E SEXO

Às vezes, a Resistência assume a forma de sexo ou de uma preocupação obsessiva com sexo. Por que sexo? Porque o sexo proporciona uma gratificação forte e imediata. Quando alguém dorme conosco, sentimo-nos sancionados e aprovados, até mesmo amados. A Resistência diverte-se com isso. Sabe que nos distraiu com um suborno fácil e barato e nos impediu de fazer nosso trabalho.

Obviamente, nem todo sexo é uma manifestação de Resistência. Em minha experiência, você pode saber pela intensidade do sentimento de vazio que sente depois. Quanto mais vazio você se sente, mais certeza pode ter de que sua verdadeira motivação não foi amor, nem mesmo luxúria, mas Resistência.

Não é preciso dizer que este princípio se aplica a drogas, compras compulsivas, masturbação, TV. bisbilhotice, álcool e consumo de todo produto que contém gordura, açúcar, sal ou chocolate.

RESISTÊNCIA E PROBLEMAS

Nós nos metemos em confusão porque é um meio fácil de chamar atenção. Os problemas são uma forma canhestra de fama. É mais fácil ser pego na cama com a mulher do diretor da faculdade do que terminar aquela dissertação sobre a metafisica da variedade de elementos incongruentes nos contos de Joseph Conrad.

A saúde precária é uma forma de problema, assim como o alcoolismo, o vício em drogas, a tendência a se acidentar, todas as neuroses, inclusive o sexo compulsivo, e aquelas fraquezas aparentemente inofensivas como ciúmes, o jeito crônico de estar sempre atrasado e a estrondeante música rap a todo volume em um Supra 95 de vidro fumê. Qualquer coisa que chame atenção por meios indolores ou artificiais é uma manifestação de Resistência.

A crueldade com outras pessoas é uma forma de Resistência, como a tolerância passiva da crueldade dos outros.

O artista em atividade não tolera confusão em sua vida porque sabe que os problemas o impedem de realizar seu trabalho. O artista ativo bane de seu mundo toda fonte de problemas. Ele domina sua necessidade de confusão e a transforma em trabalho.

RESISTÊNCIA E DRAMATIZAÇÃO

Criar um melodrama em nossas vidas é um sintoma de Resistência. Para que investir anos de trabalho projetando uma interface de um software quando você pode obter a mesma atenção levando para casa um namorado com ficha na polícia?

Às vezes, famílias inteiras participam inconscientemente de uma cultura de dramatização. As crianças enchem os tanques de combustível, os adultos armam os estágios, toda a nave espacial salta de um episódio alarmante para outro. E a tripulação sabe como mantê-la em movimento. Se o nível de drama cai abaixo de certo patamar, alguém trata de agir para intensifica-lo. O pai se embebeda, a mãe fica doente, Janie aparece na igreja com uma tatuagem dos Oakland Raiders. É mais divertido do que um filme. E funciona: ninguém realiza absolutamente nada.

Às vezes, penso na Resistência como uma espécie de mal igual a Papai Noel, que vai de casa em casa, cuidando de tudo. Quando chega a uma casa viciada em fazer drama, suas bochechas vermelhas se iluminam e ele parte alegremente atrás de suas oito minúsculas renas. Sabe que naquela casa nenhum trabalho será realizado.

RESISTÊNCIA E AUTOMEDICAÇÃO

Você regularmente ingere qualquer substância, controlada ou não, cujo objetivo ê aliviar depressão, ansiedade, etc.? Ofereço-lhe a seguinte experiência:

Certa vez, trabalhei como redator em uma grande agência de publicidade de Nova York. Nosso chefe costumava nos dizer: invente uma doença. Crie uma doença, dizia. E poderemos vender a cura.

Distúrbio de Déficit de Atenção, Distúrbio de Efeito Sazonal. Distúrbio de Ansiedade Social. Não são doenças, são táticas de *marketing*. Não foram os médicos que as descobriram, foram os publicitários. Foram os departamentos de *marketing*. Foram as indústrias farmacêuticas.

A depressão e a ansiedade podem ser reais. Mas também podem ser formas de Resistência.

Quando nos entupimos de remédios para apagar o chamado de nossa alma, estamos sendo bons cidadãos e consumidores exemplares. Estamos fazendo exatamente o que os comerciais de TV e a cultura *pop* materialista nos induzem a fazer pela lavagem cerebral a que somos submetidos desde o nascimento. Ao invés de aplicar o autoconhecimento, a autodisciplina, a gratificação protelada e o trabalho árduo, nós simplesmente consumimos um produto.

Muitos pedestres foram mutilados ou mortos no cruzamento
da Resistência com o Comércio.

RESITÊNCIA E VITIMIZAÇÃO

Os médicos estimam que setenta a oitenta por cento de suas atividades não estão relacionadas à saúde. As pessoas não estão doentes, estão fazendo drama. Às vezes, a parte mais difícil do trabalho médico é manter uma expressão impassível. Como Jerry Seinfeld observou a respeito dos seus vinte anos de encontros amorosos: "É muito tempo fingindo-se fascinado".

A aquisição de uma condição empresta significado à existência de uma pessoa. Uma doença, uma cruz a carregar. Algumas pessoas vão de condição em condição; curam uma e outra surge para ocupar seu lugar. A condição torna-se uma obra de arte em si mesma, uma versão espúria do verdadeiro ato criativo que a vítima evita ao despender tantos cuidados em cultivar sua condição.

Colocar-se na condição de vítima é uma forma de agressão passiva. Busca alcançar gratificação não por intermédio do trabalho honesto, de uma contribuição frita a partir do amor, insight ou experiência pessoal, mas da manipulação dos outros por me10 da ameaça silenciosa (e nem tão silenciosa). A vítima compele os outros a virem em seu resgate ou a se comportarem da forma como deseja, mantendo-os reféns da perspectiva de agravamento de sua própria doença/ colapso/ dissolução mental, ou simplesmente ameaçando tornar suas vidas tão miseráveis, que elas fazem o que a vítima deseja.

Fazer-se de vítima é a antítese de realizar o seu trabalho. Não o faça. Se estiver agindo assim, pare agora.

RESISTÊNCIA E A ESCOLHA DE UM PARCEIRO

Às vezes, se não estivermos conscientes de nossa própria Resistência, escolheremos como parceiro uma pessoa que superou ou está conseguindo superar com sucesso a Resistência. Não sei bem por quê. Talvez seja mais fácil dotar nosso parceiro com o poder que na realidade possuímos, mas que tememos usar. Talvez seja menos ameaçador acreditar que nosso amado companheiro merece viver sua vida não vivida, enquanto nós não. Ou talvez queiramos usar nosso parceiro como modelo. Talvez acreditemos (ou queiramos acreditar) que parte da força de nosso parceiro se transmitirá para nós pela simples proximidade por tempo suficiente.

É assim que a Resistência desfigura o amor. O cozido que prepara é apetitoso, é convidativo; Tennessee Williams podia transformar isso numa trilogia. Mas será amor? Se formos o parceiro que apoia o trabalho do outro, não deveríamos encarar nosso próprio fracasso de sair em busca de nossa vida não vivida, ao invés de pegar carona no sucesso de nosso cônjuge? E se formos o parceiro que recebe o apoio, não deveríamos sair do brilho da adoração de nosso amado e encorajá-lo a deixar sua própria luz brilhar?

RESISTÊNCIA E ESTE LIVRO

Quando comecei este livro a Resistência quase me venceu. Esta foi a forma que ela assumiu: disse-me (a voz em minha cabeça) que eu era um escritor de ficção, não de não ficção, e que não deveria estar expondo esses conceitos de Resistência de maneira literal e aberta; em vez disso, deveria incorporá-los metaforicamente a um romance. E um argumento muito sutil e convincente. A racionalização que a Resistência me apresentou era a de que eu deveria escrever, digamos, uma história de guerra, na qual os princípios da Resistência fossem expressados na forma do medo experimentado por um guerreiro.

A Resistência também me disse que eu não deveria procurar instruir ou me apresentar como um fornecedor de sabedoria; que isso era arrogante, egoísta, talvez até mesmo imoral, e que por fim iria me causar danos. Isso me assustou. Fazia pleno sentido.

O que finalmente me convenceu a seguir em frente foi simplesmente o fato de que me senti muito infeliz ao desistir do projeto. Comecei a desenvolver sintomas. Tão logo me sentei e comecei a trabalhar, senti-me bem outra vez.

RESISTÊNCIA E INFELICIDADE

Como a Resistência se apresenta?

Primeiro, na forma de infelicidade. Sentimo-nos muito mal. Um terrível tormento permeia tudo. Estamos entediados, estamos inquietos. Não conseguimos sentir prazer em nada. Há um sentimento de culpa cuja origem não conseguimos identificar. Queremos voltar para a cama; queremos levantar e ir farrear. Sentimo-nos desprezados e desprezíveis. Sentimo-nos desgostosos. Detestamos nossas vidas. Detestamos a nós mesmos.

Sem _ trégua, a Resistência avoluma-se em um grau insuportável. Nesse ponto, surgem os vícios. Drogas, adultério, navegação na Internet.

Além desse ponto, a Resistência torna-se clínica. Depressão, agressão, disfunção. Em seguida, o verdadeiro crime e a autodestruição física.

Soa como a própria vida, eu sei. Mas não é. É Resistência.

O que a torna enganadora é que vivemos em uma cultura de consumo, que é extremamente cônscia dessa infelicidade e que concentra toda uma artilharia de perseguição do lucro na sua exploração. Vendendo-nos um produto, um remédio, uma distração. John Lennon escreveu certa vez:

Bem, vocês se acham tão espertos.
Tão independentes e livres,
Mas, no que me diz respeito,
*Não passam de malditos caipiras.**

- No original em inglês, "Well, you think you're so clever / and classless and free / But you're all fucking peasants / As far as I can see."

Como artistas e profissionais, é nossa obrigação realizar nossa própria revolução interna, uma insurreição particular no interior de nosso próprio crânio. Com esse levante, nos libertamos da tirania da cultura de consumo. Derrubamos a programação da propaganda, filmes, videogames, revistas, TV e MTV, pelos quais fomos hipnotizados desde o nascimento. Desligamo-nos da rede elétrica ao reconhecer que nunca curaremos nossa inquietação enquanto continuarmos a contribuir com nossa renda disponível para os lucros da Empulhação S/A., mas somente ao realizarmos nosso trabalho.

RESISTÊNCIA E FUNDAMENTALISMO

Tanto o artista quanto o fundamentalista defrontam-se com a mesma questão: o mistério de sua existência como indivíduos. Cada qual faz as mesmas perguntas: Quem sou eu? Por que estou aqui? Qual o sentido da minha vida?

Em estágios mais primitivos da evolução, a humanidade não tinha que lidar com essas questões. Nos estágios de selvageria, barbarismo, cultura nômade, sociedade medieval, na tribo e no clã, a posição do indivíduo era determinada pelos mandamentos da comunidade. Somente com o advento da modernidade (iniciada na Grécia antiga), com o nascimento da liberdade e da individualidade, é que tais questões ascenderam ao primeiro plano.

Não são questões fáceis. Quem sou eu? Por que estou aqui? Não são fáceis porque o ser humano não foi projetado para funcionar como um indivíduo. Estamos unidos de forma tribal, condicionados a agir como parte de um grupo. Nossas psiques foram programadas por milhões de anos de evolução do caçador-coletor. Conhecemos o clã: sabemos como nos inserir no bando e na tribo. O que não sabemos é como viver sozinhos. Não sabemos ser indivíduos livres.

O artista e o fundamentalista surgem em sociedades em diferentes estágios de desenvolvimento. O artista é o modelo avançado. Sua cultura possui afluência, estabilidade, suficiente excesso de recursos para permitir o luxo do autoexame.

O artista assenta-se na liberdade. Não a teme. Tem sorte. Nasceu no lugar certo. Possui autoconfiança e esperando no futuro. Acredita no progresso e na evolução. Sua fé é que a humanidade está progredindo, ainda que aos tropeços e de forma imperfeita, para um mundo melhor.

O fundamentalista não compartilha dessa ideia. A seu ver, a humanidade decaiu de seu estado mais elevado. A verdade não está lá fora, aguardando a

revelação; já foi revelada. A palavra de Deus foi proferida e registrada por Seu profeta, seja ele Jesus. Maomé ou Karl Marx.

O fundamentalismo é a filosofia dos fracos, dos conquistados, dos desajustados e dos desprovidos. O terreno propício para a sua germinação é a devastação da derrota militar ou política, como o fundamentalismo hebreu surgem durante o domínio babilônico, como o fundamentalismo de cristãos brancos apareceu no sul dos Estados Unidos durante a Reconstrução, como a noção de Raça Superior desenvolveu-se na Alemanha depois da 1ª Guerra Mundial. Nessas épocas de desespero, a raça conquistada teria desaparecido sem uma doutrina que restaurasse a esperança e o orgulho. O fundamentalismo islâmico brota do mesmo cenário de desespero e exerce a mesma enorme e poderosa atração.

O que é exatamente esse desespero? É o desespero da liberdade. A desarticulação e a emasculação experimentadas pelo indivíduo que foi cortado das estruturas familiares e reconfortantes da tribo e do clã, da vila e da família.

É o estado da vida moderna.

O fundamentalista (ou, mais precisamente, o sujeito atormentado que abraça o fundamentalismo) não consegue suportar a liberdade. Não consegue encontrar seu caminho para o futuro, então regride para o passado. Retorna, na imaginação, aos dias gloriosos de sua raça e procura reconstituir tanto eles como a si próprio à sua luz mais pura e virtuosa. Volta ao básico. Ao fundamental.

Fundamentalismo e arte são mutuamente excludentes. Não existe uma arte fundamentalista. Isso não significa que o fundamentalista não seja criativo. Mas exatamente, sua criatividade é invertida. Ele cria destruição. Até mesmo as estruturas que constrói suas escolas e redes de organização, são dedicadas à aniquilação, de seus inimigos e de si mesmo.

Mas o fundamentalista reserva sua maior criatividade para a moldagem do Diabo, a imagem de seu inimigo, em oposição à qual ele define e dá sentido à própria vida. Como o artista, o fundamentalista experimenta a Resistência. Experimenta-a como a tentação ao pecado. Para o fundamentalista, a Resistência é o chamado do Mal, procurando seduzi-lo e afastá-lo da virtude. O fundamentalista consume-se com Satã, a quem ama como ama a morte. Será coincidência que os homens-bomba do World Trade Center frequentavam clubes de strip-tease durante seu treinamento ou que concebessem sua recompensa como um esquadrão de noivas virgens e a

licença de violentá-las nos caldeirões de luxúria do céu?

O fundamentalista odeia e teme as mulheres porque as vê como receptáculos de Satã, mulheres tentadoras como Dalila, que seduziu Sansão e o provou de sua força.

Para combater o chamado do pecado, isto ê a Resistência, o fundamentalista mergulha na ação ou no estudo de textos sagrados. Entrega-se completamente a eles, à semelhança do artista no processo de criação. A diferença é que, enquanto um olha para frente, esperando criar um mundo melhor, o outro olha para trás, buscando retornar a um mundo mais puro do qual ele e todos os demais caíram.

O humanista acredita que a humanidade, enquanto indivíduo, é chamada a cooperar com Deus na criação do mundo. Por isso valoriza tanto a vida. Em sua visão, as coisas realmente progridem, a vida realmente evolui; cada indivíduo tem capacidade, ao menos em potencial, de contribuir para o progresso desta cama. O fundamentalista não pode conceber isso. Em sua sociedade, a dissidência não é apenas crime. Mas apostasia: é heresia, transgressão contra o próprio Deus.

Quando o fundamentalismo vence, o mundo entra numa idade de trevas. Ainda assim, não posso condenar quem se sente atraído por essa filosofia. Penso em minha própria jornada interior, as vantagens que tive de educação, abundância, apoio familiar, saúde e a sorte incontestável de ter nascido nos Estados Unidos, e ainda assim aprendi a existir como indivíduo autônomo, e realmente o fiz, apenas por um fio e a um custo que detestaria ter que calcular.

Talvez a humanidade não esteja preparada para a liberdade. O ar de liberdade pode ser rarefeito demais para a nossa respiração. Certamente, eu não estaria escrevendo este livro, sobre este assunto, se viver com liberdade fosse fácil. O paradoxo parece ser como Sócrates demonstrou há muito tempo que o indivíduo realmente livre somente o é até o ponto de seu próprio autodomínio. Enquanto que aqueles que não governam a si mesmos estão condenados a encontrar senhores que os governem.

RESISTÊNCIA E CRÍTICA

Se você se vir criticando outras pessoas, provavelmente estará agindo assim por Resistência. Quando vemos os outros começando a viver suas vidas autênticas, ficamos loucos se não estivermos vivendo a nossa própria vida real.

Os indivíduos que se sentem realizados em suas próprias vidas quase nunca criticam os outros. Quando falam, é para oferecer encorajamento. Observe-se. De todas as manifestações de Resistência, a maioria causa danos apenas a nós mesmos. A crítica e a crueldade ferem a outros também.

RESISTÊNCIA É FALTA DE CONFIANÇA EM SI

A falta de confiança em si mesmo pode ser uma aliada. Ela serve como indicador de aspiração. Reflete amor, amor por algo que sonhamos fazer, e desejo, desejo de realizá-lo. Se você flagrar-se perguntando a si próprio (e a seus amigos) “Serei realmente um escritor? Serei realmente um artista?”, é bem provável que você seja.

O falso inovador é extremamente autoconfiante. O verdadeiro morre de medo.

RESISTÊNCIA E MEDO

Você está paralisado de medo? É um bom sinal.

O medo é bom. Como a falta de confiança em si próprio, o medo é um indicador. O medo nos diz o que devemos fazer.

Lembre-se de nosso princípio básico: quanto mais medo tivermos de uma tarefa ou vocação, mais certeza podemos ter de que devemos realizá-la.

A Resistência é experimentada na forma de medo; o grau de medo é igual à força da Resistência. Portanto, quanto mais medo sentirmos sobre um determinado empreendimento, mais certos podemos estar de que o empreendimento é importante para nós e para o crescimento de nosso espírito. É por isso que sentimos tanta Resistência. Se não significasse nada para nós, não haveria nenhuma Resistência.

Você já viu o programa *Inside the Actors Studio*? O entrevistador, James Lipton invariavelmente pergunta a seus convidados: “Que fatores o levam a decidir aceitar um deter minado papel” O ator sempre responde: “O medo que eu tenho dele”.

O profissional enfrenta o projeto que representa um desafio para ele. Assume a tarefa que o levará por mares nunca antes navegados, que o compelirá a explorar parte, inconscientes de si mesmo.

Ele tem medo? Sem dúvida. Ele está petrificado.

(Inversamente, o profissional recusa papéis que já fez. Já não os teme. Para que desperdiçar tempo?)

Portanto, se você estiver paralisado de medo, isto é um bom sinal. Mostra-lhe o que deve fazer.

RESISTÊNCIA E AMOR

A Resistência é diretamente proporcional ao amor. Se estiver sentindo uma Resistência maciça, a boa nova é que isso significa que aí também há muito amor. Se você não amasse o projeto que o está apavorando, não sentiria nada. O contrário de amor não é ódio; ê indiferença.

Quanto mais Resistência você sentir, mais importante a arte/projeto/empreendimento é para você - e mais gratificação sentirá quando finalmente a realizar.

RESISTÊNCIA E SER UMA ESTRELA

Fantasias de grandeza são um sintoma de Resistência. São o sinal de um amador. O profissional já aprendeu que o sucesso como a felicidade, advém como um subproduto do trabalho. O profissional concentra-se no trabalho e permite que as recompensas venham ou não como quiserem.

RESISTÊNCIA E ISOLAMENTO

Às vezes, deixamos de nos lançar em um empreendimento porque temos medo de ficar sozinhos. Sentimo-nos confortáveis com a tribo ao nosso redor; deixa-nos nervosos partir para a floresta sozinhos.

Eis o truque: nunca estamos sozinhos. Assim que nos afastamos do clarão da fogueira do acampamento, nossa Musa pousa em nosso ombro como uma borboleta. O ato de coragem infalivelmente evoca aquela parte mais profunda de nosso ser que nos apoia e nos ampara.

Vocês já viram entrevistas com o jovem John Lennon ou Bob Dylan, quando o repórter tenta lhes fazer perguntas de ordem pessoal? Os rapazes evitam essas perguntas com um sarcasmo desencorajador. Por quê? Porque Lennon e Dylan sabem que a parte deles que compõe as canções não são "eles", nem aquele eu pessoal que exerce um fascínio tão excepcional sobre seus estúpidos entrevistadores. Lennon e Dylan também sabem que a parte de si mesmos que compõe é sagrada demais, preciosa demais, frágil demais para ser transformada em bits sonoros para deleite de alguns pretensos idólatras (que estão, eles mesmos, enredados em sua própria Resistência). Assim, eles zombam deles e se enfurecem.

É um lugar-comum entre artistas e crianças brincando que eles não têm consciência de temor ou solidão quando estão perseguindo sua visão. As horas voam. Tanto a escultora quanto o menino travesso em cima da árvore arregalam os olhos, piscando, quando a mãe chama: "Hora da janta!”

RESISTÊNCIA E ISOLAMENTO

PARTE DOIS

Os amigos às vezes perguntam: "Não se sente isolado sentado sozinho o dia inteiro? " No começo, parecia estranho ouvir-me responder: 'Não". Depois, percebi que não estava sozinho: estava no livro: estava com meus personagem. Estava comigo mesmo.

Não só não me sinto sozinho com meus personagens, como eles são mais vívidos e interessantes para mim do que as pessoas na minha vida real. Se você pensar bem, não poderia ser diferente. Para que um livro (ou qualquer projeto ou empreendimento) prenda nossa atenção pelo tempo necessário para se realizar, tem que estar ligado a alguma perplexidade ou paixão interna que seja de suprema importância para nós. Esse problema torna-se o tema de nosso trabalho, mesmo que, no começo, não possamos compreendê-lo ou defini-lo. À medida que os personagens despontam, cada qual infalivelmente incorpora um aspecto desse dilema, dessa perplexidade. Tais personagens podem não ser interessantes para mais ninguém, mas são absolutamente fascinantes para nós. Eles são nós mesmos. Versões mais sensuais, mais inteligentes, mais mesquinhas de nós mesmos. É divertido estar em sua companhia porque eles se debatem com a mesma questão que nos anima. São nossas almas gêmeas, nossos amantes, nossos melhores amigos. Até mesmo os vilões. Especialmente os vilões.

Mesmo em um livro como este, que não possui nenhum personagem, não me sinto sozinho porque estou imaginando o leitor, que fantasio como um , aspirante a artista muito parecido com meu próprio eu, mais novo e menos grisalho. A esse leitor espero transmitir um pouco de firmeza e inspiração, bem como aparelhá-lo, precariamente, com alguma sabedoria adquirida com a experiência e alguns truques do ofício.

RESISTÊNCIA E CURA

Já esteve em Santa Fé? Há uma subcultura de "cura" ali. A ideia é que existe algo de terapêutico na atmosfera. Um lugar seguro para onde ir e se recompor. Há outros lugares (ocorrem-me Santa Bárbara e Ojai, na Califórnia), em geral habitados pela classe média-alta com mais tempo e dinheiro do que sabem como gastar, onde uma cultura de cura também prevalece. O conceito em todos esses ambientes parece ser que uma pessoa precisa completar essa cura antes de estar pronta para realizar sua obra.

Essa forma de pensar (já está à minha frente?) é uma forma de Resistência.

O que pretendemos curar, aliás? O atleta sabe que nunca chegará o dia em que ele acordará sem dores. Ele tem que aceitar a dor.

Lembre-se, a parte de nós que acha que precisa de cura não é a parte com a qual criamos; esta parte é muito mais forte e profunda. A parte com a qual criamos não pode ser tocada por nada que nossos pais tenham feito ou que a sociedade tenha feito. Essa parte é imaculada. Impoluta; à prova de som, à prova d'água e à prova de bala. Na realidade, quanto mais problemas tivermos, melhor e mais rica essa parte se tornará.

A parte que precisa de cura é nossa vida pessoal. A vida pessoal nada tem a ver com trabalho. Além disso, que maneira melhor de curar do que encontrar nosso centro de auto soberania? Não é esse o objetivo da cura?

Há duas décadas, fui parar em Nova York ganhando vinte dólares por noite dirigindo um táxi e fugindo o tempo todo do trabalho que deveria fazer. Certa noite, sozinho em meu apartamento sublocado a cento e dez dólares, cheguei ao fundo do poço em termos de ter me desviado para tantos canais estranhos, tantas vezes, que eu não conseguia racionalizar a questão por nem mais uma noite. Peguei minha antiga Smith-Corona, temendo a experiência

como algo sem sentido, sem propósito, inútil, além de ser a medida mais dolorosa que eu podia conceber. Durante duas horas, obriguei-me a ficar ali sentado, produzindo com grande esforço textos sem valor que arremessava imediatamente no lixo.

Foi o suficiente. Guardei a máquina de escrever. Voltei à cozinha. Na pia, amontoavam-se dez dias de louças sujas.

Por alguma razão, sentia tanta energia que resolvi lavá-las. A água morna transmitia uma sensação agradável. O sabão e a esponja faziam seu trabalho. Uma pilha de pratos limpos começou a se erguer no escorredor. Para minha surpresa, percebi que estava assobiando. Compreendi que havia virado uma página. Eu estava bem. Estaria bem dali em diante. Compreende? Eu não havia escrito nada de valor. Poderiam se passar anos até que eu o fizesse, se é que chegaria a fazê-lo. Não importava. O que contava é que eu havia, após anos de fuga, normalmente me sentado e feito meu trabalho.

Não me entenda mal. Não tenho nada contra a verdadeira cura. Todos nós necessitamos dela. Mas não tem nada a ver com a realização do nosso trabalho e pode ser um exercício colossal em Resistência. A Resistência adora a “cura”. A Resistência sabe que, quanto mais energia psíquica gastarmos remoendo as cansativas e aborrecidas injustiças de nossa vida pessoal, menos tutano teremos para realizar nosso trabalho.

RESISTÊNCIA E APOIO

Já participou de oficinas de trabalho? Além de uma perda de tempo, são faculdades de Resistência. Deveriam produzir Ph.D.s em Resistência. Que melhor maneira de evitar o trabalho do que ir a uma oficina de trabalho? Mas o que detesto mais ainda é a palavra apoio.

Buscar o apoio da família e dos amigos é como reunir as pessoas em volta de seu leito de morte. É bom, mas quando o navio parte, tudo que podem fazer é ficar no porto acenando adeus.

Qualquer apoio que obtenhamos de pessoas de carne e osso é como dinheiro do Monopólio; não é moeda legal naquela esfera onde temos que realizar nosso trabalho. Na verdade, quanto mais energia despendemos buscando o apoio de colegas e entes queridos, mais fracos nos tornamos e menos capazes de administrar nossa tarefa.

Minha amiga Carol teve o seguinte sonho, em uma época em que sua vida parecia estar saindo de controle. Ela era passageira em um Ônibus. Bruce Springsteen era o motorista. De repente, Springsteen freava, entregava as chaves a Carol e saltava do ônibus. No sonho, Carol entrava em pânico. Como poderia dirigir aquele enorme Greyhound? A essa altura, todos os passageiros fitavam-na, espantados. Obviamente, ninguém mais iria se apresentar e assumir a direção, Carol sentou-se ao volante. Para sua surpresa, verificou que conseguia dirigir o veículo.

Mais tarde, analisando o sonho, concluiu que Bruce Springsteen era o Chefe. O chefe de sua psique. O ônibus era sua vida. O chefe estava dizendo a Carol que era hora de assumir a direção. Mais do que isso, o sonho, ao fazê-la sentar-se na cadeira do motorista e deixar que sentisse que podia controlar o veículo na estrada, estava fornecendo-lhe uma corrida simulada, para incutir-lhe a confiança de que ela realmente podia assumir o comando da própria vida.

Um sonho assim constitui um verdadeiro apoio. É um cheque que você pode descontar quando se sentar, sozinho, para fazer seu trabalho.

P.S.: Quando seu EU interior lhe proporciona um sonho assim, não o comente. Não dilua seu poder. O sonho que é para você. É entre você e sua Musa. Cale-se e use-o.

A única exceção é que você pode compartilhá-lo com outro companheiro de luta, se o ato de compartilhar ajudar ou encorajar esse companheiro em seus próprios esforços.

RESISTÊNCIA E RACIONALIZAÇÃO

A racionalização é o braço direito da Resistência. Seu trabalho é impedir que sintamos a vergonha que sentiríamos se realmente admitíssemos o quanto somos covardes por não realizarmos nosso trabalho.

MICHAEL

Não destrua a racionalização. Onde estaríamos sem ela?

Não conheço ninguém que consiga atravessar o dia sem duas ou três "gordas" racionalizações. São mais importantes do que sexo.

SAM

Ah, essa não! Nada é mais importante do que sexo.

MICHAEL

Ah, é? Já passou uma semana sem uma racionalização?

Jeff Goldblum e Tom Berenger.
em Os amigos de Alex. de Lawrence Kasdan

Mas a racionalização tem seu próprio aliado. É aquela parte de nossa psique que realmente acredita no que a racionalização nos diz.

Uma coisa é mentir para nós mesmos. Outra é acreditar na mentira.

RESISTÊNCIA E RACIONALIZAÇÃO

PARTE DOIS

Resistência é medo. Mas a Resistência é astuta demais para mostrar-se desta forma sem disfarces. Por quê? Porque se a Resistência nos deixa ver claramente que nosso próprio medo está nos impedindo de realizar nosso trabalho, podemos nos sentir envergonhados. E a vergonha pode nos levar a agir diante do medo.

A Resistência não quer que façamos isso. Assim, ela apresenta a Racionalização. Racionalização é, para a Resistência, aquele assessor que cuida da boa imagem do chefe. É a maneira usada pela Resistência para esconder o porrete da coerção às suas costas. Ao invés de nos mostrar nosso medo (que pode nos envergonhar e nos impelir a realizar nossa obra), a Resistência nos apresenta uma série de justificativas plausíveis, racionais, para não fazermos nosso trabalho.

O que é particularmente insidioso a respeito das racionalizações que a Resistência nos apresenta é que muitas delas são verdadeiras. São legítimas. Nossa mulher pode realmente estar no oitavo mês de gravidez; pode estar realmente precisando de nossa presença em casa. Nosso departamento pode realmente estar implantando uma reforma que consumirá horas de nosso tempo. De fato, pode fazer sentido adiar o término de nossa dissertação, ao menos até o bebê nascer. O que a Resistência omite, é claro, é que tudo isso não significa nada. Tolstoy tinha treze filhos e escreveu *Guerra e paz*. Lance Armstrong teve câncer e já venceu o Tour de France quatro vazes.

A RESISTÊNCIA PODE SER VENCIDA

Se a Resistência não pudesse ser vencida, não haveria a Quinta Sinfonia, nem Romeu e Julieta, nem a ponte Golden Gate. Derrotar a Resistência é como dar à luz. Parece absolutamente impossível até você se lembrar que as mulheres vêm fazendo isso com muito sucesso, com ou sem apoio, há cinquenta milhões de anos.

LIVRO DOIS

COMBATENDO A RESISTÊNCIA

Tornando-se um profissional

Uma coisa é estudar a guerra e outra é viver a vida de um guerreiro.

Télamon Arcádis,

mercenário do Século V a.C.

PROFISSIONAIS E AMADORES

Os aspirantes a artistas derrotados pela Resistência têm uma característica em comum. Todos pensam como amadores. Ainda não se tornaram profissionais.

O instante em que um artista se torna um profissional é tão memorável quanto o nascimento de seu primeiro filho. De um golpe, tudo muda. Posso afirmar com toda certeza que a minha vida pode ser dividida em duas partes: antes e depois de me tornar um profissional.

Para ser claro: quando digo profissional, não estou me referindo a médicos e advogados, aqueles das profissões clássicas. Refiro-me ao Profissional como um ideal. O profissional em contraste com o amador. Considere as diferenças.

O amador joga por diversão. O profissional joga para valer. Para o amador, o jogo é seu passatempo. Para o profissional, é sua vocação.

O amador joga em tempo parcial. O profissional, em tempo integral.

O amador é um guerreiro de fim de semana. O profissional, durante os sete dias da semana.

O radical latino da palavra *amador* significa ”amar”. A interpretação convencional é que o amador segue sua vocação por amor, enquanto os profissionais o fazem por dinheiro. Não da maneira como eu vejo. Na minha opinião, o amador não gosta suficientemente do jogo. Se gostasse, não o praticaria como uma ocupação secundária, um "bico", diferente de sua atividade "real".

O profissional ama tanto sua vocação que lhe dedica sua vida. Compromete-se integralmente.

É isso que quero dizer quando falo em tornar-se profissional. A Resistência detesta que nos tornemos profissionais.

UM PROFISSIONAL

Certa vez, alguém perguntou a Somerset Maugham se ele escrevia segundo um horário ou somente quando lhe vinha à inspiração. “Escrevo apenas quando a inspiração me vem", respondeu. "Felizmente, ela vem toda manhã às nove horas em ponto."

Isso é ser profissional.

Em termos de Resistência. Maugham dizia: "Eu desprezo a Resistência; não deixo que ela me desconcentre; eu me sento e faço o meu trabalho".

Maugham acreditava em outra verdade mais profunda: que ao realizar o mundano ato físico de sentar-se e começar a trabalhar, ele colocava em movimento uma sequência misteriosa, mas infalível, de acontecimentos que produziam inspiração, como, e a deusa houvesse sincronizado seu relógio com o dele.

Ele sabia que se a incentivasse, ela viria.

O DIA-A-DIA DE UM ESCRITOR

Acordo com uma sensação angustiante de insatisfação. Logo sinto medo. Logo as pessoas que me cercam começam a desaparecer. Eu interajo. Eu estou presente. Mas não estou.

Não estou pensando no trabalho. Já atribuí isso à Musa. O que me preocupa é a Resistência. Sinto-a em minhas entranhas. Atribuo-lhe um profundo respeito, porque sei que ela pode me derrotar em qualquer dia com a mesma facilidade com que um único drinque pode derrotar um alcoólatra.

Ocupo-me das tarefas de rotina, da correspondência, das obrigações da vida diária. Novamente, estou ali, mas não de verdade. O relógio está correndo em minha mente: sei que posso me deixar levar pelos pequenos afazeres diários durante algum tempo, mas tenho que suspendê-los quando o alarme soar.

Tenho profunda consciência do Princípio de Prioridade, que determina (a) você deve saber a diferença entre o que é urgente e o que é importante e (b) deve fazer o que é importante primeiro.

O importante é o trabalho. Esse é o jogo para o qual tenho que me preparar. Esse é o campo no qual tenho que deixar tudo que possuo.

Eu realmente acredito que meu trabalho é essencial para a sobrevivência do planeta? Claro que não. Mas é tão importante para mim quanto pegar aquele rato o é para o abutre que vejo voando em círculos pela minha janela. Ele está faminto. Precisa de uma presa. Eu também.

Tenho meus afazeres domésticos. Já é hora. Faço minha oração e parto para a caçada.

O Sol ainda não se levantou: faz frio: os campos estão encharcados. Arbustos arranham meus tornozelos, galhos de árvores batem no meu rosto. A colina é estafante, mas o que posso fazer? Colocar um pé à frente do outro e continuar subindo.

Uma hora se passa. Já estou mais aquecido, a caminhada faz meu sangue circular. Os anos ensinaram-me uma habilidade: como me sentir um pobre; coitado. Sei como me fechar e prosseguir curvado e abatido.

Esse é um bem precioso porque é humano, o papel adequado a um mortal. Não ofende os deuses, mas provoca a sua intervenção em nosso favor. Meu eu amargurado começa a retirar-se. Os instintos começam a me dominar. Outra hora se passa. Saio de um bosque cerrado e lá está ela: uma lebre bela e gorda que eu sabia que iria aparecer se eu não desistisse.

De volta a casa, agradeço aos imortais e lhes ofereço sua porção da caça. Eles a trouxeram para mim; merecem seu quinhão. Sou grato.

Brinco com meus filhos junto à lareira. Eles estão felizes: o pai trouxe-lhes o alimento. A mãe está feliz; ela o cozinha. Eu estou feliz; ganhei meu sustento no planeta, ao menos por este dia.

A Resistência agora já não é um fator. Não penso na caçada e não penso no escritório. A tensão se esvai do meu pescoço e das minhas costas. O que sentir, disser ou fizer esta noite não virá de nenhuma parte invalida ou não resolvida de mim, nenhuma parte corrompida pela Resistência.

Vou dormir satisfeito, mas meu último pensamento é sobre a Resistência. Acordarei com ela amanhã. Já estou me colocando em guarda contra ela.

COMO SE SENTIR UM POBRE COITADO

Quando era jovem e lutava pela sobrevivência, de alguma forma acabei nos Fuzileiros Navais. Existe um mito de que o treinamento dos fuzileiros navais transforma recrutas de rosto angelical em assassinos sanguinários. Acredite-me, os fuzileiros navais não são tão eficientes. O que realmente ensinam, entretanto, é muito mais útil.

Os fuzileiros navais o ensinam a se sentir um pobre coitado.

Isso é de um valor incalculável para um artista.

Os fuzileiros adoram se sentir infelizes e desgraçados. Os fuzileiros extraem uma satisfação perversa em comer uma bóia mais fria, usar um equipamento em pior estado e ter índices de baixas superiores ao de qualquer outra equipe de praças do exército, marinha ou aeronáutica, todos os quais eles desprezam. Por quê? Porque esses maricas não sabem como se sentir um desgraçado.

O artista comprometido com sua vocação é um voluntário para o inferno, quer tenha consciência disso ou não. Durante todo o tempo, será submetido a um regime de isolamento, rejeição, insegurança, desespero, ridículo, desprezo e humilhação.

O artista tem que ser como o fuzileiro naval. Tem que saber se sentir um pobre coitado. Tem que adorar ser um desgraçado. Tem que sentir orgulho em ser mais desgraçado do que qualquer soldado, marujo ou aviador. Porque se trata de uma guerra, meu caro. E a guerra é o inferno.

TODOS NÓS JÁ SOMOS PROFISSIONAIS

Todos nós somos profissionais em uma área: nossos empregos.

Nós recebemos um salário. Nós trabalhamos por dinheiro. Nós somos profissionais.

Mas haverá princípios que podemos tomar emprestado daquilo que já estamos fazendo com sucesso em nosso dia de trabalho e aplicá-los a nossas aspirações artísticas? Quais são exatamente as qualidades que nos definem como profissionais?

1. *Nós comparecemos ao trabalho todos os dias*. Talvez o façamos simplesmente porque somos obrigados, para não sermos despedidos. Mas nós o fazemos. Nós comparecemos todos os dias ao nosso local de trabalho.

1. *Nós comparemos ao trabalho aconteça a que acontecer*. Na doença e na saúde, haja o que houver, nós nos arrastamos até a fábrica. Podemos fazê-lo apenas para não deixar nossos companheiros na mão ou por outras razões menos nobres. Mas nós comparecemos. Faça chuva ou faça sol.

1. *Permanecemos no trabalho o dia inteiro*. Nossas mentes podem vagar, mas nossos corpos permanecem na direção.

Atendemos ao telefone quando toca, ajudamos o consumidor quando procura nossa ajuda. Não voltamos para casa enquanto a sirene do fim do expediente não soar.

1. *Estamos comprometidos a longo prazo.* No próximo ano, talvez mudemos de emprego, de empresa, de país. Mas, ainda assim, estaremos trabalhando. Até ganharmos na loteria, fazemos parte da força de trabalho.

1. *Os riscos para nós são altos e reais.* Nosso trabalho tem a ver com sobrevivência, com alimentar nossas famílias, educar nossos filhos. Tem a ver com comer.

1. *Aceitamos renumeração pelo nosso trabalho*. Não estamos aqui por brincadeira. Trabalhamos por dinheiro.

1. *Não nos identificamos demais com nossa função*. Podemos sentir orgulho em nosso trabalho, podemos ficar até mais tarde e ir ao escritório no fim de semana, mas reconhecemos que não somos a descrição de nosso emprego. O amador, ao contrário, identifica-se excessivamente com seu passatempo, sua aspiração artística. Ele se define por ela. É um músico, um pintor, um dramaturgo. A Resistência adora isso. A Resistência sabe que o compositor amador jamais escreverá sua sinfonia porque está empenhado demais em seu sucesso e apavorado demais com a possibilidade de fracasso. O amador leva essa identificação com o trabalho tão a sério que ela o paralisa.

1. *Nós dominamos a técnica de nosso trabalho.*

1. *Possuímos senso de humor a respeito de nosso trabalho.*

1. *Recebemos elogios ou críticas no mundo real.*

Agora considere o amador: o aspirante a pintor, o pretendente a dramaturgo. Como ele persegue sua vocação?

Primeiro, ele não comparece ao local de trabalho diariamente. Segundo, ele não comparece haja o que houver. Terceiro, ele não permanece no local de trabalho o dia inteiro. Não está comprometido a longo prazo; os riscos para ele são ilusórios e falsos. Ele não recebe remuneração. E ele se identifica excessivamente com sua arte. Não possui senso de humor em relação ao fracasso. Você não o ouve queixar-se: “Esta maldita trilogia está me matando!”. Ao invés disso, ele simplesmente não escreve sua trilogia.

O amador não domina a técnica de sua arte. Nem se expõe a julgamento no mundo real. Se mostramos nosso poema para um amigo e esse amigo diz: “É maravilhoso, adorei”, isso não representa *um feedback* do mundo real, é apenas nosso amigo tentando ser gentil conosco. Nada é mais legitimador do que a validação do mundo real, mesmo que seja por fracasso.

O primeiro trabalho profissional que eu tive como escritor, após dezessete anos de tentativas, foi para um filme chamado *King Kong 2*. Eu e meu parceiro na época, Ron Shusett (um roteirista e produtor brilhante, que também fez *Alien* e *O vingador do futuro*), produzimos o roteiro para Dino DeLaurentis. Nós o adoramos; tínhamos certeza de que tínhamos produzido um sucesso. Mesmo depois de ver o filme pronto, tínhamos certeza que seria um sucesso arrasador. Convidamos todos os nossos conhecidos para a estreia do filme, até alugamos uma casa noturna ao lado do cinema para uma festa de comemoração após a sessão. Cheguem cedo, avisamos nossos amigos, o lugar vai ficar lotado. Ninguém apareceu. Havia apenas um sujeito na fila além de nossos convidados e ele murmurava alguma coisa sobre dinheiro trocado. No cinema, nossos amigos aturaram o filme num estado de muda estupefação. Quando as luzes se acenderam. Eles fugiram como baratas na noite.

No dia seguinte, veio a crítica na *Viriety*: “Ronald Shusett e Steven

Pressfield; esperamos que esses não sejam seus nomes verdadeiros, para o bem de seus pais." Ao final da primeira semana, a renda bruta da bilheteria fora insignificante. Ainda assim, eu me apegava à esperança. Talvez só esteja sendo mal recebido nas áreas urbanas, talvez esteja se saindo melhor nos subúrbios. Peguei o carro e fui até um multiplex na periferia da cidade. Um Jovem atendia no balcão de pipoca.

- Como vai indo o *King Kong 2*? - perguntei.

Ele exibiu os dois polegares para baixo.

- Não perca seu tempo, cara. É uma droga.

Fiquei arrasado. Ali estava eu, 42 anos, divorciado. Sem filhos, tendo abdicado de todas as aspirações humana, normais para ir atrás do sonho de ser escritor; agora, quando finalmente consegui colocar meu nome em uma grande produção hollywoodiana protagonizada por Linda Hamilton, o que acontecia? Sou um fracassado, um impostor: minha vida é inútil, assim como eu.

Meu amigo Tony Keppelman me tirou desse transe perguntando-me se eu pretendia desistir. Não, claro que não!

- Então, fique feliz. Você está onde queria, não está? E daí se está sofrendo uns reveses? É o preço que se paga por estar na arena e não nas arquibancadas. Pare de reclamar e seja grato.

Foi quando percebi que havia me tornado um profissional. Ainda não tivera um sucesso. Mas tivera um fracasso real.

POR AMOR AO JOGO

Para esclarecer um ponto sobre profissionalismo: o profissional, embora aceite dinheiro, realiza seu trabalho por amor. Ele tem que amá-lo. Caso contrário, não dedicaria sua vida a ele por sua livre e espontânea vontade.

Entretanto, o profissional aprendeu que amor em demasia pode ser um fator negativo. O amor em excesso pode sufocá-lo. O aparente distanciamento de um profissional, o sangue frio em seu comportamento, é um artificio de compensação para impedi-lo de amar tanto o jogo que de acabe não realizando seu trabalho. Atuar por dinheiro, ou adotar uma atitude de quem atua por dinheiro, arrefece a febre.

Lembre-se do que dissemos sobre medo, amor e Resistência. Quanto mais você amar sua arte/vocação/empreendimento, quanto mais importante for sua realização para a evolução de sua alma, mais você a temerá e mais Resistência sofrerá em enfrentá-la. A recompensa para jogar por dinheiro não é o dinheiro (que você pode até nem ver, mesmo depois de se tornar um profissional). A recompensa é que jogar por dinheiro produz a atitude profissional adequada. Inculca a mentalidade da marmita, o estado de espírito tenaz, prático, obstinado, que o faz comparecer ao trabalho, diariamente, faça chuva ou faça sol.

O escritor é um soldado de infantaria. Sabe que o progresso é medido em metros de terra tomados do inimigo a cada dia, cada hora, cada minuto e pago com sangue. O artista usa botas de combate. Olha-se no espelho e vê o protótipo do soldado combatente. Lembra-se, a Musa favorece os que trabalham com afinco. Ela detesta prima-donas. Para os deuses, o maior pecado não é o estupro ou o assassinato, mas a arrogância. Considerar-se um mercenário, um assassino de aluguel, implanta a humildade necessária. Afasta a vaidade e a afetação.

A Resistência adora o orgulho e a presunção. A Resistência diz: "Mostre-

me um escritor que seja bom demais para aceitar o trabalho X ou o encargo Y e eu lhe mostrarei alguém que posso esmagar como uma casca de noz".

Tecnicamente, o profissional recebe dinheiro. Tecnicamente, o profissional trabalha por dinheiro. Mas, no final das contas, o faz por amor.

Consideremos, agora, o seguinte: Quais as características do profissional?

UM PROFISSIONAL É PACIENTE

A Resistência engana o amador com o truque mais velho que se conhece: usa seu próprio entusiasmo contra ele. A Resistência nos faz mergulhar num projeto com uma programação irrealista e ambiciosa demais para ser cumprida. Ela sabe que não conseguiremos sustentar esse nível de intensidade. Colidiremos contra a parede. Desmoronaremos.

O profissional, ao contrário, compreende a demora na gratificação. Ele é a formiga, não o gafanhoto; a tartaruga, não a lebre. Já ouviu a lenda de Sylvester Stallone ficar três noites seguidas sem dormir para produzir o roteiro de *Rocky*? Eu não sei, pode até ser verdade. Mas é o tipo mais pernicioso de mito para apresentar ao escritor iniciante, porque o leva a acreditar que ele pode conseguir um grande sucesso sem esforço e sem persistência.

O profissional arma-se de paciência, não só para dar aos astros tempo para se alinharem cm sua carreira, como para impedir que sua chama seja consumida a cada trabalho individual. Ele sabe que qualquer trabalho, seja, um romance ou a reforma da cozinha, leva o dobro do tempo e custa o dobro do que ele calcula. Ele aceita esse fato. Ele o reconhece como realidade.

O profissional prepara-se no início de um projeto, lembrando a si mesmo que ele é o Iditarod,* não a arrancada de sessenta metros. Ele poupa sua energia. Ele prepara a mente para o trajeto longo. Ele se mantém com a certeza de que, se ao menos conseguir manter aqueles *huskies* puxando o trenó na neve, mais cedo ou mais tarde o trenó chegará a Nome.

- Corrida anual de trenós puxados por cães que liga a cidade de Anchorade a Nome no Alasca. (N. do E.)

UM PROFISSIONAL BUSCA A ORDEM

Quando eu morava na traseira da minha caminhonete Chevrolet, tinha que retirar minha máquina de escrever de baixo de montanhas de ferramentas de pneus, roupa suja e livros de bolso mofados. Minha caminhonete era um ninho, uma colmeia, uma espelunca sobre rodas na qual toda noite, para dormir, era preciso escavar uma toca onde eu pudesse tirar uma soneca.

O profissional não pode viver assim. Ele realiza uma missão. Não tolera a desordem. Ele elimina o caos de seu mundo a fim de bani-lo da mente. Ele quer o carpete limpo com o aspirador de pó e a frente da casa varrida, de modo que a Musa possa entrar e não sujar sua veste.

UM PROFISSIONAL DESMISTIFICA

Um profissional vê seu trabalho como um oficio, não uma arte. Não porque acredite que a arte seja desprovida de uma dimensão mística. Ao contrário. Ele compreende que todo esforço criativo é sagrado, mas não se alonga nessa ideia. Sabe que, se pensar demasiadamente no assunto, ele poderá paralisá-lo. Assim, concentra-se na técnica. O profissional domina o como e deixa o quê e o porquê para os deuses. Como Somerset Maugham, não espera pela inspiração, age na expectativa de seu aparecimento. O profissional é profundamente cônscio dos aspectos intangíveis da inspiração. Por respeito a eles, deixa-os trabalhar. Concede-lhes sua esfera de trabalho, enquanto se concentra na sua.

O sinal do amador é a supervalorização e a excessiva preocupação com o mistério.

O profissional se cala. Não fala sobre isso. Apenas realiza seu trabalho.

DIANTE DO MEDO UM PROFISSIONAL REAGE

O amador acredita que antes de mais nada ele tem que vencer o medo; depois, então, poderá fazer seu trabalho. O profissional sabe que o medo jamais pode ser superado. Sabe que não existe guerreiro ou artista sem medo.

O que Henry Fonda fazia, após vomitar no banheiro de seu camarim, era limpar-se e avançar para o palco. Ainda estava aterrorizado, mas forçava-se a seguir em frente apesar de seu pavor. Sabia que, assim que entrasse em ação, seu medo recuaria e ele se sentiria bem.

UM PROFISSIONAL NÃO ACEITA DESCULPAS

O amador, subestimando a astúcia da Resistência, permite que a gripe o afaste de seus capítulos; acredita na voz da serpente em sua cabeça que diz que remeter os originais é mais importante do que fazer o trabalho diário.

O profissional sabe que não é bem assim. Ele respeita a Resistência. Sabe que, se ceder hoje, por mais plausível que seja o pretexto, é duplamente provável que cederá amanhã.

O profissional sabe que a Resistência é como um operador de *telemarketing* se você disser não mais que um alô, está perdido. O profissional nem atende ao telefone. Ele continua trabalhando.

UM PROFISSIONAL ENFRENTA AS CONDIÇÕES COM QUE SE DEPARA

Meu amigo e eu jogávamos o primeiro buraco em Prestwick, na Escócia: o vento uivava, vindo da esquerda. Comecei com uma jogada de trinta jardas, com taco de ferro número oito, para o lado do vento, mas uma rajada alcançou-a; observei perplexo quando a bola voou com toda a força para a direita, bateu no *green*, saiu de lado e saltou para fora do campo.

- Droga! - Virei-me para o *caddie*. - Viu como o vento foz a bola dar uma guinada!?

Ele me lançou aquele olhar que somente *caddies* escoceses sabem lançar.

- Bem, você tem que levar o vento em conta, não é?

O profissional conduz seus negócios no mundo real. Adversidade, injustiça, golpes de azar e jogadas infelizes, até boas oportunidades e golpes de sorte, tudo faz parte do terreno no qual a batalha tem que ser travada. O campo só é uniforme, segundo o profissional, no céu.

UM PROFISSIONAL É PREPARADO

Não estou falando do oficio; é desnecessário dizer. O profissional está preparado em um nível mais profundo. Ele está preparado, todos os dias, para confrontar sua própria autosabotagem. O profissional compreende que a Resistência é fértil e astuta. Ela vai bombardeá-lo de maneiras nunca vistas.

O profissional prepara-se mentalmente para absorver os golpes e revidá-los. Seu objetivo é aproveitar o que o dia lhe trouxer. Ele está preparado para ser prudente e preparado para ser impulsivo, levar uma surra quando for necessário e atacar quando puder. Ele compreende que o campo se modifica todos os dias. Sua meta não é a vitória (o sucesso virá por si próprio quando chegar o momento), mas administrar seu íntimo, suas entranhas, com tanta firmeza e determinação quanto possível.

UM PROFISSIONAL NÃO SE EXIBE

O trabalho de um profissional tem estilo; é distintamente seu. Mas ele não deixa que sua assinatura seja motivo de ostentação. Seu estilo serve ao material. Ele não o impõe como meio de atrair atenção para si mesmo.

Isso não significa que o profissional não faça uma Jogada de mestre de vez em quando, só para que saibam que ele não está morto.

UM PROFISSIONAL DEDICA-SE A DOMINAR A TÉCNICA

O profissional respeita seu oficio. Não se considera superior a ele. Reconhece as contribuições daqueles que o antecederam. Aprende com eles.

O profissional dedica-se' a dominar a técnica não porque acredita que a técnica seja um substituto para a inspiração, mas porque quer estar de posse de um arsenal completo de habilidades quando a inspiração vier. O profissional é matreiro. Ele sabe que trabalhando duro junto à porta da frente da técnica, deixa espaço para a genialidade entrar pelos fundos.

UM PROFISSIONAL NÃO HESITA EM PEDIR AJUDA

Tiger Woods é o maior jogador de golfe do mundo. Entretanto, ele tem um professor; ele trabalha com Butch Harmon. E Tiger Woods não se submete a esse aprendizado contra a vontade, nem sofre com ele - ele tem prazer em realizá-lo. É sua maior alegria profissional sair para praticar no *tee* com Butch, aprender mais sobre o jogo que ama.

Tiger Woods é o profissional consumado. Nunca passaria por sua cabeça, como aconteceria a um amador, a ideia de que ele sabe tudo ou pode descobrir tudo sozinho. Ao contrário, ele procura o professor mais capacitado e ouve atentamente suas instruções. O estudante do jogo sabe que os níveis de revelação que podem se desdobrar no golfe. Como em qualquer arte, são inesgotáveis.

UM PROFISSIONA SE DISTANCIA DE SEU INSTRUMENTO

O profissional mantém-se a um passo de distância de seu instrumento - ou seja, de sua pessoa, seu corpo, sua voz, seu talento: o ser físico, mental, emocional e psicológ1co que usa em seu trabalho. Não se identifica com esse instrumento. É simplesmente o que Deus lhe deu, seu instrumento de trabalho. Ele o utiliza friamente, impessoalmente, objetivamente.

O profissional identifica-se com sua consciência e com sua vontade, não com a matéria que sua consciência e sua vontade manipulam para servir à sua arte. Por acaso Madonna anda pela casa com seu sutiã metálico em forma de cones e corpetes provocantes? Ela esta ocupada demais planejando o Dia D. Madonna não se identifica com “'Madonna”. Madonna faz uso de “Madonna”.

UM PROFISSIONAL NÃO LEVA O FRACASSO (OU O SUCESSO) PARA O LADO PESSOAL

Quando as pessoas dizem que o artista possui uma couraça, o que querem dizer não é que a pessoa seja insensível ou estúpida, mas que colocou sua consciência profissional em outro lugar que não seu próprio ego. É necessária uma grande força de caráter para isso, porque nossos instintos mais profundos correm na direção oposta. A evolução nos programou para sentir a rejeição como um golpe em nossas entranhas. Essa é a maneira de a tribo impingir a obediência, brandindo a ameaça de expulsão. O medo de rejeição não é apenas psicológico; é biológico. Está em nossas células.

A Resistência sabe disso e usa esse fato contra nós. Usa o medo da rejeição para nos paralisar e nos impedir, se não de fazermos o nosso trabalho, então de expô-lo à avaliação pública. Tive um grande amigo que havia trabalhado durante anos em um romance excelente e profundamente pessoal. Estava concluído. Mantinha-o em sua caixa de correio, mas não conseguia enviá-lo. O medo da rejeição castrava-o.

O profissional não pode levar a rejeição para o campo pessoal porque essa atitude só reforça a Resistência. Os editores não são os inimigos; críticos não são os inimigos. A Resistência é o inimigo. A batalha se trava dentro de nossa própria cabeça. Não podemos deixar que a crítica externa, ainda que verdadeira, fortaleça nosso inimigo interno. Esse inimigo já é suficientemente forte.

Um profissional obriga-se a se manter afastado de seu desempenho, ainda que lhe dedique corpo e alma. O Bhagavad Gita nos diz que temos direito apenas ao nosso trabalho, não aos frutos de nosso trabalho. Tudo que o guerreiro pode dar é sua vida, tudo que o atleta pode fazer é dar tudo de si em campo.

O profissional ama seu trabalho. Está completamente entregue a ele. Mas não se esquece que a obra não é ele. Seu eu artístico contém muitas obras e muitos desempenhos. O próximo já fermentado em seu íntimo. O próximo será melhor e o seguinte melhor ainda.

O profissional valida a si próprio. É obstinado. Diante da indiferença ou da adulação, usa seu material fria e objetivamente. Onde deixou a desejar, ele o melhora. Onde triunfou, ele o aperfeiçoará ainda mais. Trabalhará com mais afinco. Voltará amanhã. O profissional dá ouvidos à crítica, buscando aprender e crescer. Mas nunca se esquece que a Resistência está usando a crítica contra ele em um nível muito mais diabólico. A Resistência convoca a crítica para reforçar a quinta-coluna do medo que já atua dentro da cabeça do artista, procurando alquebrar sua força de vontade e destroçar sua dedicação. O profissional não se deixa enganar. Sua determinação se mantém acima de tudo: haja o que houver, nunca deixarei a Resistência me derrotar.

UM PROFISSIONAL SUPORTA A ADVERSIDADE

Morei em Tinseltown durante cinco anos, terminei nove roteiros de cinema, nenhum dos quais foi vendido. Finalmente, consegui uma reunião com um grande produtor. Ele não parava de atender telefonemas, mesmo enquanto eu apresentava meu material. Ele possuía um desses fones de ouvido. De modo que nem tinha que pegar o telefone para atender: os telefonemas chegavam e ele os atendia. Finalmente, ele recebeu um telefonema pessoal.

- Poderia me dar licença? - perguntou-me, indicando a porta. - Prenso de certa privacidade neste aqui.

Saí. A porta fechou-se atrás de mim. Dez minutos se passaram. Eu aguardava de pé. ao lado das secretárias. Mais vinte minutos se passaram. Finalmente, a porta do produtor se abriu; ele apareceu, vestindo o paletó.

- Ah, sinto muito!

Ele havia se esquecido completamente de mim. Sou humano. Isso magoa. Também não era um garoto: estava com quarenta e poucos anos, com uma folha corrida de fracassos do tamanho do seu braço. O profissional não pode levar a humilhação para o lado pessoal. A humilhação, como a rejeição e a crítica, é o reflexo externo da Resistência interna.

O profissional suporta a adversidade. Deixa o excremento do pássaro escorrer pela sua capa de borracha. lembrando-se que ela fica limpa outra vez com um bom jato de mangueira. Ele próprio, seu centro criativo, não pode ser enterrado, nem mesmo sob uma montanha de guano. O seu cerne é à prova de balas. Nada pode feri-lo. a não ser que ele permita.

Certa vez, vi um velho gordo e feliz em seu Cadillac na autoestrada. Tinha o ar-condicionado ligado, o CD das *Pointer Sisters* tocando e soltava

baforadas de um charuto barato. Aplaca de seu carro, cifrada, dizia:

DIVIDAS PG.

O profissional mantém o olho na rosquinha, não no buraco. Lembra a si mesmo que é melhor estar na arena pisoteado pelo touro, do que nas arquibancadas ou lá fora no estacionamento.

UM PROFISSIONAL HOMOLOGA A SÍ PRÓPRIO

Um amador deixa que a opinião negativa dos outros o castre. Leva a sério qualquer crítica externa, permitindo que a confiança em si mesmo e em seu trabalho seja abalada. A Resistência adora isso.

Você aguenta mais uma história de Tiger Woods? Faltando quatro buracos no último dia do 2001 Masters (que Tiger Woods venceu. ganhando os quatro principais torneios do golfe no mesmo ano), um palerma na galeria clicou uma câmera fotográfica no auge da tacada de Tiger. De maneira incrível, Tiger foi capaz de parar o movimento no meio e abortar a jogada. Mas essa não foi a parte mais surpreendente. Depois de lançar um olhar fulminante ao facínora, Tiger se recompôs, voltou para a bola e lançou-a numa tacada magistral.

Esse é um profissional. É uma obstinação em um nível que a maioria de nós não consegue compreender, quanto mais imitar. Mas examinemos mais atentamente o que Tiger fez, ou melhor, o que ele não fez.

Primeiro, ele não reagiu por reflexo. Não permitiu que um ato que certamente teria provocado uma reação automática de raiva realmente produzisse essa raiva. Ele controlou sua reação. Ele dominou sua emoção.

Segundo, ele não levou a questão para o lado pessoal. Ele poderia ter entendido o ato desse fotógrafo amador entusiasmado como um ataque deliberado a ele individualmente, com a intenção de perturbar sua concentração. Poderia ter reagido com indignação ou raiva ou fazer-se de vítima. Não o fez.

Terceiro, não tomou o incidente como um sinal de má vontade dos céus. Poderia ter considerado esse revés como uma maldade dos deuses do golfe, como um golpe de azar no beisebol ou um erro do juiz de linha no tênis.

Poderia ter gemido, ficar aborrecido ou render-se mentalmente a essa injustiça, essa interferência, e usado-a como uma desculpa para fracassar. Não o fez. o que ele de fato fez foi manter sua soberania sobre o momento. Compreendeu que, independentemente de qualquer revés que um agente externo tivesse lhe aplicado, ele próprio ainda tinha seu trabalho a fazer. a tacada que ele precisava dar ali e agora. E ele sabia que essa tacada dependia dele. Não havia nada em seu caminho, a não ser qualquer perturbação emocional a que ele próprio resolvesse se agarrar. A mãe de Tiger. Kultida. é budista. Talvez ele tivesse aprendido com ela a ter compaixão. a não se deixar dominar pela raiva por causa da negligência de um fotógrafo amador descuidado. De qualquer forma, Tiger Woods, o exemplo de profissional, extravasou sua raiva rapidamente com um olhar, depois se recompôs e retornou à tarefa que tinha diante de si.

O profissional não pode permitir que as ações de outros definam sua realidade. Amanhã de manhã, a crítica terá passado, mas o escritor ainda estará lá encarando a página em branco. Nada importa, a não ser continuar trabalhando. Fora uma crise familiar ou a deflagração da 3ª Guerra Mundial, o profissional comparece ao trabalho, pronto para servir aos deuses.

Lembre-se, a Resistência quer que renunciemos à nossa soberania, cedendo-a a outros. Quer que sustentemos nosso valor próprio, nossa identidade, nossa razão de ser, com a reação dos outros ao nosso trabalho. A Resistência sabe que não podemos aceitar essa condição. Ninguém pode.

O profissional não dá atenção às críticas. Nem sequer as ouve. As críticas, lembram a si mesmo, são as porta-vozes involuntárias da Resistência e, como tal, podem ser realmente perniciosas e maliciosas. Podem articular em seus artigos o mesmo veneno tóxico que a própria Resistência produz em nossas cabeças. Esse é seu verdadeiro mal. Não que acreditemos nelas, mas que acreditemos na Resistência que é fermentada em nossas mentes, para a qual as críticas servem como porta-vozes inconscientes.

O profissional aprende a reconhecer a crítica motivada pela inveja e tomá-la pelo que realmente é: o supremo elogio. O que o crítico mais odeia é aquilo que de próprio teria feito se tivesse tido coragem.

UM PROFISSIONAL RECONHECE SUAS LIMITAÇÕES

Ele contrata um agente, um advogado, um contador. Sabe que só pode ser um profissional em uma atividade. Recorre a outros profissionais e os trata com respeito.

UM PROFISSIONAL REINVENTA A SI PRÓPRIO

Goldie Hawn observou certa vez que há somente três idades para uma atriz em Hollywood: “Babe, D.A. e Conduzindo Miss Daisy”:·Ela defendia outro ponto, mas a verdade permanece: como artistas. servimos à Musa, e a Musa pode ter mais de um trabalho para nós ao longo de nossa vida.

O profissional não se permite ficar preso dentro de uma encarnação, por mais bem-sucedida ou confortável que seja. Como uma alma reencarnada, ele livra-se de um invólucro gasto e reveste-se de um novo. Ele continua sua jornada.

UM PROFISSIONAL É RECONHECIDO POR OUTROS PROFISSIONAIS

O profissional percebe quem cumpriu sua missão e quem não o fez. Como Alan Ladd e Jack Palance cercando um ao outro em *Os brutos também amam*, um pistoleiro reconhece outro pistoleiro.

VOCÊ S/A

Assim que me mudei para Los Angeles e passei a conhecer outros roteiristas, verifiquei que muitos possuíam sua própria empresa. Prestavam seus serviços de redação não como eles mesmos, mas como prestadores de serviços de suas empresas de um só homem. Seus contratos de redação de roteiros eram ”para os serviços de", referentes a eles próprios. Eu nunca vira isso antes. Achei muito profissional.

Há vantagens financeiras e de impostos para um escritor que opera como empresa. Mas o que me agrada na ideia é a metáfora. Gosto da ideia de ser Eu Mesmo S/A. Desta forma, posso incorporar dois papéis. Posso contratar a mim mesmo e despedir a mim mesmo. Posso até, como Robin Williams observou certa vez a respeito de' escritores/produtores, bajular a num mesmo.

Tornar-se uma empresa (ou apenas pensar em si mesmo desta forma) reforça a ideia de profissionalismo porque separa o artista-que-faz-o-trabalho da vontade-e-consciência-que-rege-o-espetáculo. Independentemente da quantidade de humilhações amontoadas sobre a cabeça do primeiro, o último não se deixa perturbar e dá continuidade aos negócios. Com o sucesso, acontece o oposto: você-o-escritor pode deixar o sucesso subir à cabeça, mas você-o-patrão sabe como fazer você mesmo abaixar a crista.

Já trabalhou em um escritório? Então, sabe o que significam as reuniões de segunda-feira de manhã. O grupo se encontra na sala de reuniões e o chefe expõe as missões pelas quais cada membro de equipe é responsável naquela semana. Quando a reunião termina um assistente prepara uma folha de serviço e a distribui. Quando ela chega a sua mesa uma hora depois, você sabe exatamente o que tem que fazer naquela semana.

Faço uma reunião desse tipo comigo mesmo toda segunda-feira. Sento-me e analiso minhas tarefas. Em seguida, dígito a folha de serviço e a encaminho a mim mesmo.

Eu possuo papéis timbrados da minha firma, cartões de visita também timbrados e um talão de cheques da empresa. Pago os custos e os impostos da firma. Tenho cartões de crédito separados para meu uso pessoal e para uso da empresa.

Pensar cm nós mesmos como uma empresa nos coloca a uma saudável distância de nós mesmos. Ficamos menos subjetivos. Não levamos os golpes para o lado pessoal. Temos mais sangue-frio; podemos cobrar nossos honorários de forma mais realista. Às vezes, como o próprio João Coitado, sou humilde demais para sair e vender. Mas como João Coitado S/ A. posso agenciar qualquer coisa para mim mesmo. Eu já não sou eu. Sou Eu S/A.

Sou um profissional.

UMA CRIATURA QUE NÃO DESISTE

Por que a Resistência permite que nos tornemos profissionais? Porque a Resistência não passa de um valentão. A Resistência não tem força própria; sua força deriva-se inteiramente de nosso medo. Um valentão bate em retirada diante do mais franzino idiota que o enfrenta e mantém sua posição.

A essência do profissionalismo é o foco no trabalho e em suas exigências, enquanto estivermos realizando-o, à exclusão de tudo o mais. Os antigos espartanos treinavam-se para considerar o inimigo, qualquer inimigo, como um ser sem nome e sem rosto. Em outras palavras, acreditavam que, se fizessem seu trabalho, nenhuma força terrena poderia se opor a eles. Em *Rastros de ódio*, John Wayne e Jeffrey Hunter perseguem o bandido Scar, que raptou sua jovem parenta, interpretada por Natalie Wood. O inverno os impede de prosseguir, mas o personagem de Wayne, Ethan Edwards, não permite que sua determinação se enfraqueça. Retornará e continuará a seguir seu rastro na primavera, declara, e mais cedo ou mais tarde, o fugitivo afrouxará a vigilância.

Ethan

Parece que ele nunca aprende que existe uma criatura que não desistirá de persegui-lo.

Assim, finalmente, nós os nós os encontraremos, eu prometo.

Tão certo quanto a rotação da Terra.

O profissional continua a avançar. Ele derrota a Resistência em seu próprio jogo sendo ainda mais determinado e ainda mais implacável do que ela.

NENHUM MISTÉRIO

Não há nenhum mistério em se tornar um profissional. É uma decisão levada a cabo por um ato de vontade. Nós tomamos a decisão de ver a nós mesmos como profissionais e o fazemos.

É simples.

LIVRO TRÊS

ALÉM DA RESISTÊNCIA

O reino superior

O primeiro dever e sacrificar-se aos deuses e rogar-Ihes que lhe concedam as ideias, palavras e atos capazes de tornar o seu comando o mais agradável possível para os deuses e de trazer para si mesmo, seus amigos e sua cidade o máximo de afeto, gloria e beneficio.

Xenofonte,
0 comandante *da cavalaria*

ANJOS NO ABSTRATO

Os próximos capítulos serão acerca daquelas forças psíquicas invisíveis que nos apoiam e sustentam em nossa jornada para nós mesmos. Pretendo usar termos como *musas* e *anjos.*

Isso o incomoda?

Se assim for, tem minha permissão para pensar em anjos de forma abstrata. Considere essas forças como sendo tão impessoais quanto a gravidade. Talvez o sejam. Não é difícil acreditar que exista uma força em cada grão, em cada semente, que os faz crescer e se desenvolver, é? Ou que em cada gatinho ou potro haja um instinto que o impele a correr, brincar e aprender.

Assim como a Resistência pode ser considerada pessoal (eu disse que a Resistência "adora" isso ou aquilo ou "detesta" isso ou aquilo), também pode ser vista como uma força da natureza tão impessoal quanto entropia ou deterioração molecular.

Da mesma forma, a vocação para crescer pode ser idealizada como pessoal (um *espírito* ou *gênio*, um anjo ou uma musa) ou como impessoal, como as marés ou os trânsitos de Vênus. Funciona dos dois modos, desde que estejamos à vontade com a ideia. No entanto, caso você não aceite bem a ideia de outras dimensões em nenhuma forma, pense nela como "talento", programado em nossos genes pela evolução.

O ponto, para a tese que procuro apresentar, é que há torças que podemos considerar nossas aliadas.

Assim como a Resistência trabalha para nos impedir de nos transformarmos naquilo que nascemos para ser, forcas iguais e contrárias contrapõem-se a ela. São nossos aliados ê anjos.

ABORDANDO O MISTÉRIO

Por que ressaltei o profissionalismo com tanta ênfase nos capítulos anteriores? Porque o mais importante a respeito de arte é trabalhar. Nada mais importa exceto sentar-se todo dia e tentar.

Por que isso é tão importante?

Porque quando nos sentamos, diariamente, e continuamos a labutar, algo misterioso começa a acontecer. É iniciado um processo pelo qual. inevitável e infalivelmente, o céu acorre em nossa ajuda. Forças ocultas adotam nossa causa; o feliz acaso reforça nosso intento.

Esse é o outro segredo que os verdadeiros artistas conhecem e os aspirantes a escritores não. Quando nos sentamos diariamente e fazemos nosso trabalho, o poder se concentra ao nosso redor. A Musa nota nossa dedicação. Ela aprova. Aos seus olhos, nos tornamos merecedores de seu favorecimento. Quando nos sentamos e trabalhamos, nos tornamos algo como um bastão magnetizado que atrai limalhas de ferro. As idéias vêm. Os *insights* acumulam-se.

Assim como a Resistência localiza-se no inferno, a Criação reside no céu. E não apenas como testemunha, mas como um aliado ativo e entusiasmado.

O que denomino Profissionalismo outra pessoa pode chamar de Código do Artista ou Procedimento do Guerreiro. E uma atitude caracterizada pelo serviço e ausência do ego.

Os Cavaleiros da Távola Redonda eram simples e modestos. No entanto, duelavam contra dragões.

Nós também enfrentamos dragões. Criaturas mitológicas soltando fogo pelas ventas que devemos combater e vencer para obter o tesouro de nosso eu-em-potencial e para liberar a donzela que é o destino e o plano de Deus para nós mesmos, bem como a resposta para a razão de estarmos neste planeta.

INVOCANDO A MUSA

A citação de Xenofonte que abre esta seção vem de um folheto chamado O *comandante da cavalaria,* no qual o célebre guerreiro e historiador oferece ensinamentos àqueles jovens cavalheiros que aspiravam a ser oficiais das tropas atenienses. Ele declara que o primeiro dever do comandante, antes de mandar limpar um estábulo ou buscar financiamento junto ao Comitê de Defesa, é sacrificar-se aos deuses e invocar sua ajuda.

Eu faço o mesmo. A última coisa que faço antes de me sentar para trabalhar é fazer minha oração à Musa. Rezo em voz alta, com grande fervor. Somente então começo a trabalhar.

Quando tinha quase 30 anos, aluguei uma pequena casa no norte da Califórnia; mudei-me para lá para terminar um romance ou me matar tentando. A essa altura eu já havia estragado um casamento com uma jovem que amava de todo o coração, mandado duas carreiras pelos ares, blá, blá, etc., tudo porque (embora eu não tivesse nenhum conhecimento disso na época) eu não conseguia lidar com a Resistência. Eu tinha nove décimos de um romance terminado e outro praticamente pronto quando os atirei na lata de lixo. Não conseguia terminá-los. Não tinha a garra necessária. Ao ceder à Resistência dessa forma, tornei-me presa de todo vício, distração, qualquer mal já mencionado até aqui, todos levando a lugar algum. Acabei indo parar naquela sonolenta cidadezinha da Califórnia, derrotado, com minha caminhonete Chevrolet, meu gato Mo e minha velha Smith-Corona.

Um sujeito chamado Paul Rink morava mais embaixo na mesma rua. Procure-o, ele está em *Big Sur and the Oranges of Hieronymus Bosch,* de Henry Müler. Paul era escritor. Vivia em seu *trailer,* "Moby Dick". Conversávamos todos os dias pela manhã, tomando café. Ele despertou meu interesse para todos os tipos de autores de quem eu nunca ouvira falar, me deu lições de autodisciplina, dedicação, falou-me dos males do mercado.

Mais que tudo, entretanto, ele compartilhou comigo sua oração, a Invocação da Musa, da *Odisséia,* de Homero, tradução de T. E. Lawrence. Paul datilografou-a para mim em sua Remington manual ainda mais antiga do que a minha máquina de escrever. Eu ainda a tenho. Está amarelada e ressecada;

o menor sopro a transformaria em pó.

Em minha pequena casa, eu não tinha TV. Nunca lia um jornal ou ia ao cinema. Eu apenas trabalhava. Certa tarde, eu martelava as teclas da minha máquina no pequeno quarto que convertera em escritório, quando ouvi o rádio do meu vizinho tocando lá fora. Alguém declamava em voz alta:

"...para preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos." Saí. O que estava acontecendo? "Não ouviu? Nixon caiu; já tem outro cara lá."

Eu perdera o caso Watergate completamente.

Estava determinado a continuar trabalhando. Fracassara tantas vezes e causara tanta dor a mim mesmo e às pessoas que amava, que achava que se estragasse tudo desta vez, teria que me enforcar. Na época, eu não sabia o que era Resistência. Ninguém me instruíra sobre o conceito. Eu a sentia, entretanto, com toda a sua força. Eu a sentia como uma compulsão

à autodestruição. Não conseguia terminar o que começara. Quanto mais perto eu chegava, mais e novas formas eu encontrava de estragar tudo. Trabalhei 26 meses sem parar, tirando apenas dois para fazer uma economia com um trabalho temporário no estado de Washington, e finalmente um dia cheguei à última página e datilografei:

FIM

Na verdade, nunca encontrei um comprador para meu livro. Nem para o seguinte. Ainda se passariam dez anos até eu conseguir meu primeiro cheque por algo que havia escrito e mais dez até um romance, *The Legend of Bagger Vance,* ser publicado. Mas aquele momento, quando bati nas três teclas e escrevi FIM, foi inesquecível. Lembro-me de desenrolar da máquina a última página e acrescentá-la à pilha que constituía o original terminado. Ninguém soube que eu havia terminado. Ninguém se importava. Mas eu sabia. Senti como se um dragão contra o qual lutara toda a minha vida tivesse simplesmente caído morto aos meus pés e bafejado seu último suspiro

sulfúrico.

Descanse em paz, desgraçado.

Na manhã seguinte, fui ao *trailer* de Paul para tomar um café e contei-lhe que havia terminado.

— Melhor para você — disse sem levantar os olhos. —

Comece o próximo hoje.

INVOCANDO A MUSA

PARTE DOIS

Antes de conhecer Paul, nunca ouvira falar nas musas. Ele me iluminou. As musas são nove irmãs, filhas de Zeus e de Mnemosine, que significa "memória". Chamam-se Clio. Erato, Talia,Terpsícore, Calíope, Polírnnia, Euterpe, Melpómene e Urânia. Sua função é inspirar os artistas. Cada musa é responsável por uma arte diferente. Há um bairro em Nova Orleans onde as ruas têm os nomes das musas. Eu já havia morado lá e não fazia a menor ideia; achava que eram apenas nomes esquisitos.

Eis o que diz Sócrates, em *Faedra,* de Platão, sobre o "nobre efeito da loucura enviada pelo céu":

> *O terceiro tipo de possessão e loucura é a possessão pelas Musas. Quando se apodera de uma alma virgem e meiga, enleva-a a uma expressão inspirada de poesia lírica e outros tipos de poesia, e glorifica incontáveis façanhas de antigos heróis para conhecimento da posteridade. Mas se um homem chega à porta da poesia intocado pela loucura das Musas, acreditando que apenas a técnica f M á dele um bom poeta, ele e suas sãs composições nunca atingem a perfeição, mas são completamente eclipsadas pelo desempenho do louco inspirado.*

A maneira grega de compreender o mistério era personificá-lo. Os antigos pressentiam as poderosas forças primordiais do mundo. Para torná-las acessíveis, conferiam-lhes rostos humanos. Chamavam-nas de Zeus, Apolo, Afrodite. Os índios norte-americanos sentiam o mesmo mistério, mas representavam- no em formas anímicas — Professor Urso, Mensageiro Falcão, Trapaceiro Coiote.

Nossos ancestrais eram profundamente cônscios das forças e energias que

não pertencem a esta esfera material, mas a outra mais elevada e mais misteriosa. Em que eles acreditavam a respeito desta realidade superior?

Primeiro, acreditavam que a morte não existia lá. Os deuses eram imortais.

Os deuses, embora semelhantes aos humanos, são infinitamente mais poderosos. É inútil desafiar sua vontade. Agir com uma atitude arrogante em relação ao céu é atrair a desgraça.

O tempo e o espaço exibem uma existência alterada nesta dimensão superior. Os deuses viajam "com a rapidez do pensamento". Podem prever o futuro, alguns deles, e embora o dramaturgo Ágaton nos diga:

> *Somente um poder é negado aos deuses:*
> *Desfazer o passado*

os imortais podem fazer travessuras com o tempo, como nós mesmos às vezes, em sonhos e visões.

O universo, segundo os gregos, não era indiferente. Os deuses interessam-se pelos problemas humanos e intercedem para o bem ou para o mal em nossos desígnios.

A visão contemporânea é que tudo isso é encantador, porém absurdo. Será mesmo? Então, responda a isso. De onde *Hamlet* veio? De onde veio o Pártenon? De onde veio o *Nu descendo uma escada?*

TESTAMENTO DE UM VISIONÁRIO

A eternidade esta apaixonada pelas criações do tempo.
William Blake

O poeta visionário William Blake era, a meu ver, um desses avatares meio enlouquecidos que aparecem em carne e osso de vez em quando — sábios capazes de ascender por breves períodos a planos mais altos e retornar para compartilhar as maravilhas que presenciaram.

Devemos tentar decifrar o significado do verso acima?

O que Blake quer dizer com "eternidade", na minha opinião, é a esfera superior a esta, um plano de realidade mais alto do que a dimensão material na qual vivemos. Na "eternidade", o tempo não existe (ou a sintaxe de Blake não o distinguiria de "eternidade") e provavelmente o espaço também não. Esse plano deve ser habitado por criaturas superiores. Ou pode ser espírito ou consciência pura. Mas seja o que for, segundo Blake, é capaz de estar "apaixonado".

Se esse plano superior é habitado por seres, imagino que Blake queira dizer que são incorpóreos. Não possuem corpos. Mas possuem uma conexão com a esfera do tempo, esta na qual vivemos. Esses deuses ou espíritos participam desta dimensão. Interessam-se por ela.

"A eternidade está apaixonada pelas criações do tempo" significa, para mim, que de alguma forma essas criaturas da esfera superior (ou a própria esfera, no abstrato) alegram-se com o que nós, seres limitados pelo tempo, podemos criar e dar existência física em nossa limitada esfera material.

Pode parecer forçado, mas se esses seres alegram-se com as "criações do tempo", será que também não nos dariam um empurrãozinho para produzi-las? Se assim for, a imagem da Musa sussurrando inspiração no ouvido do artista é totalmente plausível.

O eterno comunicando-se com o confinado ao tempo.

Pelo modelo de Blake, no meu modo de ver, é como se a Quinta Sinfonia

já existisse nessa esfera superior, antes de Beethoven sentar-se e tocá-la.

O truque é o seguinte: a obra existia apenas em potencial— sem corpo, por assim dizer. Ainda não era música. Não podia ser tocada. Não podia ser ouvida.

Era preciso alguém. Era preciso um ser corpóreo, um ser humano, um artista (ou mais precisamente um *gênio*, no sentido latino de "espírito inspirador") para dar vida à obra neste plano material. Assim, a Musa sussurrou no ouvido de Beethoven. Talvez ela tenha cantarolado alguns trechos em milhões de outros ouvidos. Porém, ninguém mais a ouviu.

Somente Beethoven.

Ele a compôs. Fez da Quinta Sinfonia uma "criação do tempo", pela qual a "eternidade" podia "apaixonar-se".

Assim, a eternidade, quer seja concebida como Deus, consciência pura, inteligência infinita, espírito onisciente, ou, se preferirmos, como seres, deuses, espíritos, avatares — quando "ela" ou "eles", de algum modo, ouvem os sons da música terrena, alegram-se.

O Em outras palavras, Blake concorda com os gregos. Os deuses existem. Eles realmente penetram em nossa esfera terrena.

O que nos leva de volta à Musa. A Musa, lembre-se, é filha de Zeus, Pai de todos os Deuses, e da Memória, ou Mnemosine. É um pedigree muito impressionante. Eu aceito essas credenciais.

Acredito plenamente em Xenofonte; antes de sentar-me para trabalhar, tiro um minuto para prestar homenagem a essa Força oculta que pode me ajudar ou destruir.

INVOCANDO A MUSA

PARTE TRÊS

Os artistas têm invocado a Musa desde tempos imemoriais. Há nisso uma grande sabedoria. Há mágica em abolir nossa arrogância humana e humildemente solicitar ajuda de urna fonte que não podemos ver, ouvir, tocar ou sentir o cheiro. A seguir, o início da *Odisséia,* de Homero, tradução de T. E. Lawrence:

> O *Divina Poesia, deusa, filha de Zeus, mantenha viva para mim esta canção do homem de múltiplos interesses que, depois de ter pilhado o âmago da cidadela da sagrada Tróia, foi levado a vagar dolorosamente pelas costas litorâneas de outros povos, vivendo segundo seus costumes, bons ou maus, enquanto seu coração, através de todas as viagens marítimas, sofria em agonia para se redimir e levar seus homens para casa em segurança. Vã esperança —para eles. Os tolos! Sua própria insensatez os desgraçou. Destruir, pela carne, o gado do mais exaltado Sol, razão pela qual o deus-Sol escureceu o dia de sua volta. Faça com que essa história viva para nós em todos os seus múltiplos significados, ó Musa*— Essa passagem merece um estudo mais detalhado. Primeiro, *Divina* Poesia. Quando invocamos a Musa, estamos recorrendo a uma força não só de um plano diferente de realidade, mas de um plano mais sagrado.

Essa passagem merece um estudo mais detalhado.

Primeiro, *Divina* Poesia. Quando invocamos a Musa, estamos recorrendo a uma força não só de um plano diferente de realidade, mas de um plano mais sagrado.

Deusa, filha de Zeus. Não só estamos invocando uma intervenção divina, mas uma intervenção do mais alto nível, apenas um nível abaixo do nível máximo.

Mantenha viva para mim. Homero não pede brilhantismo ou sucesso. Quer apenas manter a canção viva.

Esta canção. A canção engloba tudo. De Os *irmãos Karamazov* ao seu novo empreendimento no ramo de material hidráulico.

Adoro o resumo das provações de Odisseu que compreende o corpo da invocação. É a jornada do herói de Joseph Campbell em uma casca de noz, a sinopse mais concisa da história do Homem Comum. Há o crime inicial (que todos nós inevitavelmente cometemos), que expele o herói de sua complacência doméstica e o impele para suas errâncias, o anseio de redenção, a campanha incansável para chegar em "casa", significando voltar às graças de Deus, voltar para si mesmo.

Admiro particularmente a advertência contra o segundo crime, *destruir, por cansa da carne, o gado do mais exaltado Sol.* Este é o crime capitai que acarreta a destruição da alma: o uso do sagrado por meios profanos. Prostituição. Traição.

Finalmente, o pedido do artista para seu trabalho: *Faça com que essa história viva para nós em todos os seus múltiplos significados, ó Musa...*

É o que desejamos, não é? Mais do que fazê-lo grandioso, fazê-lo viver. E não de um único ângulo apenas, mas em todos os seus múltiplos significados.

OK.

Fizemos nossa oração. Estamos prontos para trabalhar.

E agora?

A MAGIA DE COMEÇAR

Com relação a todos os atos de iniciativa (e criação), há uma única verdade básica, a ignorância a qual mata inúmeras ideias, e esplêndidos planos: a de que no momento em que uma pessoa definitivamente se compromete, a providência também começa a se. mover. Todo tipo de coisa ocorre para ajudar uma pessoa que de outra forma jamais teria ocorrido. Toda uma sucessão de acontecimentos, tem início com a decisão de começar, provocando, a favor de uma pessoa, toda sorte de incidentes, encontros e assistência material inesperados, que ninguém jamais sonharia que lhe acontecesse. Aprendi a ter um profundo respeito por um dos versos de Goethe: "O que quer que possa jazer, ou sonha fazer, comece. A ousadia encerra em si mesma genialidade, magia e poder. 'Comece agora".

W. H. Murray

The Scottish Hímalayan Kxpedition

Você já viu *Asas do desejo,* o filme de Wim Wenders sobre anjos entre nós? *(Cidade dos anjos,* com Meg Ryan e Nicolas Cage foi a versão americana.) Eu acredito. Acredito na existência de anjos entre nós. Estão aqui, mas não podemos vê-los.

Os anjos trabalham para Deus. É sua função nos ajudar. Despertar-nos. Impelir-nos para a frente.

Os anjos são agentes da evolução. A cabala descreve os anjos como feixes de luz, significando inteligência, consciência.

Os cabalistas acreditam que acima de cada lâmina de capim exista um anjo gritando "Cresça! Cresça!" Eu vou mais além. Acredito que acima de toda a raça humana haja um super anjo gritando "Evolua! Evolua!"

Os anjos são como musas. Sabem de coisas que não sabemos. Querem

nos ajudar. Estão do outro lado de um painel de vidro, gritando para chamar nossa atenção. Mas não podemos ouvi-los. Estamos distraídos demais por nossa própria tolice.

Ah, mas quando começamos.

Quando damos a largada.

Quando concebemos um empreendimento e nos comprometemos com ele a despeito de nossos temores, algo maravilhoso acontece. Uma ruptura surge na membrana. Como o primeiro desvario quando um pintinho bica por dentro de sua casca. Anjos-parteiras reúnem-se ao nosso redor; ajudam-nos, conforme damos à luz a nós mesmos, àquela pessoa que nascemos para ser. àquela cujo destino estava codificado em nossa alma, nosso *espírito*, nosso *gênio*.

Quando damos início a um empreendimento, abrimos nossos próprios caminhos e permitimos que os anjos entrem e façam seu trabalho. Agora podem conversar conosco e isso os deixa felizes. Deixa Deus feliz. A eternidade, como diria Blake, abriu um portal para o tempo.

E nós somos este portal.

A MAGIA DE CONTINUAR

Quando termino um dia de trabalho, saio para uma caminhada no alto das colinas. Levo um gravador de bolso porque sei que, à medida que minha mente superficial se esvazia com uma caminhada, outra parte de mim entra na conversa e começa a falar.

> *A expressão "olhar malicioso" na página 342... deveria ser" olhar sedutor".*
>
> *Você se repetiu no Capítulo 21. A última frase é igual a outra no meio do Capítulo* 7.

Esse é o tipo de pensamento que me ocorre. Acontece a todos nós, a cada dia, a cada minuto. Estes parágrafos que estou escrevendo agora me foram ditados ontem; substituem uma abertura anterior, mais fraca, a este capítulo. Estou desenrolando a versão nova e melhorada agora, diretamente do gravador.

Este processo de auto-revisão e autocorreção é tão comum que nem sequer o notamos. Mas é um milagre. E suas implicações são surpreendentes.

Afinal, quem está fazendo essa revisão? Que força está puxando nossa manga?

O que isso nos diz a respeito da arquitetura de nossas psiques — que, sem que exerçamos nenhum esforço ou mesmo pensemos no assunto, uma voz em nossa cabeça abre a boca para nos aconselhar (e nos aconselhar sabiamente) sobre como devemos fazer nosso trabalho e viver nossas vidas? A quem pertence essa voz? Que *software* está rodando incansavelmente, varrendo *gigabytes*, enquanto nós, nossos eus dominantes, estão ocupados de outra forma?

Serão anjos?

Serão musas?

Será o Inconsciente?

O Self?

O que quer que seja. é mais inteligente do que nós. Muito mais inteligente. Não precisa que lhe digamos o que fazer. Funciona por conta própria. Parece querer funcionar. Parece gostar do que faz.

O que faz, exatamente?

Organiza.

O princípio de organização está embutido na natureza. O próprio caos se auto-organiza. Fora da desordem primordial, as estrelas descobrem suas órbitas; os rios descobrem seu caminho para o mar.

Quando nós, como deuses, partimos para criar um universo — um livro, uma ópera, uma nova empresa —, o mesmo princípio se aplica. Nosso roteiro de filme se resolve em uma estrutura de três atos; nossa sinfonia assume sua forma em movimentos; nossa empresa de material hidráulico descobre sua cadeia de comando ótima. Como experimentamos isso? Tendo ideias. *Insights* saltam em nossas cabeças enquanto estamos fazendo a barba ou tomando banho ou até mesmo, surpreendentemente, quando estamos de fato trabalhando. Os duendes por trás desse fato são inteligentes. Se esquecemos algo, eles nos lembram. Se nos desviamos do curso, eles orientam as velas e nos conduzem de novo no rumo certo.

O que podemos concluir?

Obviamente, alguma forma de inteligência está atuando, independentemente de nossa mente consciente e, ainda assim, em aliança com ela, processando nosso material para nós e juntamente conosco.

E por isso que os artistas são modestos. Sabem que não são eles que estão fazendo o trabalho; estão apenas tomando ditado. E por isso também que “pessoas não-criativas” odeiam "pessoas criativas". Porque têm inveja. Sentem que os artistas e escritores estão ligados a uma rede de energia e inspiração com a qual não conseguem se conectar.

Claro, tudo isso *é* bobagem. Somos todos criativos. Todos nós temos a mesma psique. Os mesmos milagres comuns estão acontecendo em todas as nossas cabeças a cada dia, a cada minuto

LARGO

Aos vinte e poucos anos, trabalhei dirigindo caminhões-reboque para uma empresa chamada Burton Lines, em Durham, Carolina do Norte. E u não era muito bom naquilo; meus demônios de autodestruição dominavam-me. Somente uma sorte cega me impediu de me matar e quaisquer outros pobres idiotas que por acaso estivessem na estrada na mesma ocasião. Em um período difícil. Eu estava sem dinheiro, afastado de minha mulher e da minha família. Certa noite tive o seguinte sonho:

> *Eu fazia parte da tripulação de um porta-aviões. Só que o navio estava encalhado em terra firme. Ele ainda lançava seus jatos e fazia o que era preciso fazer, mas estava abandonado a uns oitocentos metros do oceano. Todos os marinheiros sabiam o quanto a situação era desesperadora; sentiam isso como uma aflição constante e aguda. A única esperança é que havia um sargento da artilharia naval a bordo cujo apelido em "Largo". No sonho, pareceu-me o nome mais apropriado que alguém pudesse ter. Largo. Adorei. Largo era um desses militares subalternos mais velhos e durões, como o personagem de Bum Lancaster, Warden, em A um passo da eternidade, o único sujeito no navio que sabe exatamente o que está se passando, o velho e rude sargento que toma todas as decisões e quem realmente comanda o espetáculo. Mas onde estava Largo? Eu estava parado, angustiado, junto à amurada quando o capitão aproximou-se e começou a conversar comigo. Até ele estava perdido. Era seu navio, mas ele não sabia como tirá-lo da terra firme. Eu estava nervoso, envolvido numa conversa com o oficial e não conseguia pensar em nada para dizer. O comandante não parecia notar, apenas virou-se para mim informalmente e disse:*

"Que diabos nós devemos fazer, Largo

Acordei eletrizado. Eu era Largo! Eu era o velho lobo-do-mar. O poder de assumir o comando estava em minhas mãos; eu só precisava acreditar.

De onde veio esse sonho? Obviamente, sua intenção era benéfica. Qual a sua origem? E o que esse acontecimento revela em termos do funcionamento do universo?

Mais uma vez, todos nos já tivemos sonhos semelhantes. Mais uma vez, são absolutamente comuns. O nascer do Sol também. Nem por isso ele deixa de ser um milagre.

Antes de me mudar para a Carolina do Norte, trabalhei nos campos petrolíferos próximos a Buras, Louisiana. Morava num alojamento de funcionários com um bando de outros trabalhadores temporários. Um dos rapazes comprara um livro sobre meditação numa livraria em Nova Orleans; começou a me ensinar a meditar. Eu costumava ir para as docas depois do trabalho e ver se conseguia entrar naquele estado de espirito. Um dia, aconteceu o seguinte:

> *Eu estava sentado com as pernas cruzadas na posição de meditação, quando uma águia apareceu e pousou no meu ombro. A águia fundiu-se comigo e levantou vôo de modo que minha cabeça tornou-se sua cabeça e meus braços suas asas. Senti-me completamente autêntico. Podia sentir o ar sob minhas asas, de uma maneira tão sólida quanto você sente a água quando esta remando. Tinha substância. Você podia impelir-se e avançar através do ar. Então era assim que os pássaros voavam! Compreendi que era impossível para um pássaro cari do céu; tudo que ele precisava fazer era estender as asas; o ar sólido sustentava com a mesma força que sentimos quando estendemos nossa mão para fora da janela de um carro em movimento. Fiquei muito impressionado com esse filme que era passado em minha mente. Perguntei à águia: "Ei, o que devo aprender com isso?" Uma voz (silenciosa) respondeu: "Deve aprender que aquilo a que não dá nenhum valor, tão sem peso quanto o ar, são na verdade forças poderosas que têm substância, tão reais e sólidas quanto a terra".*

Compreendi. A águia me dizia que os sonhos, visões, meditações como essa - que ate então eu desdenhara como fantasia ilusão - eram tão reais e tão

sólidas quanto qualquer outro acontecimento em minha vida desperta.

Acreditei na águia. Entendi o recado. Como poderia ser de outra forma? Eu sentira a solidez do ar. Sabia que ela dizia a verdade.

O que nos leva de volta à pergunta: De onde veio a águia? Por que ela apareceu na hora certa para me dizer aquilo que eu precisava ouvir?

Obviamente, alguma inteligência oculta criara a águia, dando-lhe a forma de uma ave para que eu compreendesse o que ela queria me comunicar. Essa inteligência estava me tratando como um bebê. Mantendo a mensagem simples. Traduzindo-a em termos tão claros e elementares que até mesmo alguém tão anestesiado e adormecido quanto eu pudesse compreender.

VIDA E MORTE

Lembra-se do filme *Billy Jack*, com Tom Laughlin? O filme e as sequencias há muito tempo debandaram para a TV por assinatura, mas Tom Laughlin ainda está por ai. Além de seu trabalho no cinema, ele é um psicólogo da escola de Jung, escritor e conferencista, cuja especialidade e trabalhar com pessoas diagnosticadas com câncer. Tom Laughlin dá aulas e conduz oficinas de trabalho: eis uma paráfrase de algo que o ouvi dizer:

No momento em que uma pessoa fica sabendo que tem câncer terminal, uma mudança profunda ocorre em sua psique. De um só golpe, no consultório do médico, ela fica sabendo o que realmente importa para ela. Coisas que há sessenta segundos antes pareciam absolutamente importantes de repente perdem todo o sentido, enquanto pessoas e preocupações que até então ela havia descartado imediatamente, agora assumem uma importância absoluta.

Talvez, ele percebe que trabalhar este fim de semana naquela grande transação comercial no escritório não seja tão vital assim. Talvez seja mais importante pegar um avião, atravessar o país para assistir a formatura de seu neto. Talvez não seja tão crucial ter a Ultima palavra na discussão com sua esposa. Talvez, em vez disso, ele deva lhe dizer o quanta ela significa para ele e como sempre a amou profundamente.

Outros pensamentos ocorrem ao paciente diagnosticado como terminal. E quanto aquele dom que ele tinha para a música? O que aconteceu com a paixão que um dia sentiu para trabalhar com os doentes e desabrigados? Por que essas vidas não vividas retornam agora com tanta força e intensidade?

Defrontados com nossa iminente extinção, Tom Laughlin acredita, todas as nossas certezas são questionadas. O que nossa vida significa? Nós a vivemos corretamente? Existem atos vitais que deixamos de realizar, palavras essenciais que não foram ditas? Será tarde demais?

Tom Laughlin desenha um diagrama da psique, um modelo de inspiração junguiana semelhante a este:



O Ego, segundo Jung, é a parte da psique que consideramos “nós mesmos”. Nossa inteligência consciente. Nosso cérebro comum que pensa, planeja e comanda o espetáculo de nossa vida diária.

O Self {Eu}, como Jung o definiu, é uma entidade maior, que inclui o Ego, mas também incorpora o inconsciente Individual e o Inconsciente Coletivo. Sonhos e intuições vêm do Self. Os arquétipos do inconsciente residem nele. E, segundo Jung, a esfera da alma.

O que acontece no instante em que ficamos sabendo que podemos morrer em breve, afirma Tom Laughlin, é a mudança do local onde nossa consciência se assenta.

Ela muda do Ego para o Self.

O mundo é inteiramente novo, visto a partir do Self. De imediato, discernimos o que é realmente importante. As preocupações superficiais se desvanecem, substituídas por uma perspectiva mais profunda, mais sólida.

E dessa forma que a fundação de Tom Laughlin combate o câncer. Ele aconselha seus clientes não só a fazerem essa mudança mentalmente, mas a colocarem-na em prática em suas vidas. Ele apoia a dona de casa a retomar sua carreira no serviço social, anima o homem de negócios a retornar ao seu violino, ajuda o veterano do Vietnã a escrever seu romance.

Milagrosamente, o câncer começa a regredir. As pessoas se recuperam.

Mas será possível, Tom Laughlin pergunta, que a própria doença tenha evoluído em consequência de ações realizada, (ou não-realizadas) em nossas vidas? Poderiam nossas vidas não-vividas ter se vingado de nós na forma de câncer? E, se assim for, podemos nos curar agora, realizando essas vidas?

O EGO E O SELF

Eis o que eu penso. Acho que os anjos residem no Self, enquanto a Resistência habita o Ego.

A luta se dá entre os dois.

O Self deseja criar, evoluir. O Ego gosta das coisas como estão.

O que é o Ego, afinal? Já que este livro e meu, vou defini-lo a meu modo.

O Ego é a parte da psique que acredita na existência material.

A função do Ego é cuidar dos negócios no mundo real. É uma função importante. Não sobreviveríamos um dia sem ele. Mas há outros mundos além do mundo real e é ai que o Ego enfrenta dificuldades.

O Ego acredita no seguinte:

1. *A morte é real.* O Ego acredita que nossa existência é definida pelo nosso corpo físico. Quando o corpo morre, nós morremos. Não há vida após a vida.

1. *O tempo e o espaço são reais.* O Ego é analógico. Acredita que para ir de A a Z, temos que passar por B, C, e D. Para ir do café da manhã à janta, temos que viver o dia inteiro.

1. *Todo individuo é diferente e independente do outro*. O Ego acredita que eu sou diferente de você. Os dois não podem se encontrar. Posso feri-lo e isso não me causará nenhum mal.

1. *O impulso predominante da vida autopreservação.* Como a nossa existência é física e, assim, vulnerável a inúmeros males, tudo que fazemos, todas as nossas ações motivadas pelo medo. É prudente, o Ego acredita ter filhos para levarem adiante nossa linhagem quando morrermos, alcançar grandes eitos que sobreviverão a nós e afivelar nossos cintos de segurança.

1. *Deus não existe*. Não existe nenhuma outra esfera a não ser a física, e somente as regras do mundo material se aplicam.

Esses são os princípios pelos quais o Ego vive. São princípios sólidos e firmes.

O Self acredita no seguinte:

1. *A morte é uma ilusão.* A alma continua e evolui por meio de infinitas manifestações.

1. *O tempo e o espaço são ilusões.* O tempo e o espaço atuam somente na esfera física e, mesmo aí, não se aplicam a sonhos, visões transportes. Em outras dimensões locomovemo-nos “com a velocidade do pensamento” e vivemos em múltiplos planos simultaneamente.

1. *Todos os seres são apenas um.* Se eu lhe causo mal, causo mal a mim mesmo.

1. *A suprema emoção é o amor.* A união e a assistência mútua

são os imperativos da vida. Estamos todos juntos no mesmo barco.

1. *Existe apenas Deus.* Tudo que existe é Deus de uma forma ou de outra. Deus, o terreno divino, é onde moramos, nos movemos e vivemos. Existem infinitos planos de realidade, todos criados, mantidos e inspirados pelo espírito de Deus.

ESPERIMENTANDO O EU

Já se perguntou por que usamos tantos termos voltados para a destruição quando estamos intoxicados, doentes ou infelizes? Chapado, derrubado, destruído, aniquilado, arrasado. É porque eles se referem ao Ego. É o Ego que pode ser dinamitado, engessado, demolido. Demolimos o Ego para acessarmos o Self.

As margens do Eu tocam o Terreno Divino. Ou seja, o Mistério, o Vácuo, a fonte da consciência e da infinita sabedoria.

Os sonhos são provenientes do Self. As ideias vêm do Self. Quando meditamos, acessamos o Self. Quando jejuamos, quando rezamos, quando partimos no encalço de uma visão, é o Self que buscamos. Quando o dervixe gira e dança, quando o iogue entoa seus cânticos, quando o *sadhu* mutila a carne; quando os penitentes arrastam-se por cento e cinquenta quilômetros de joelhos, quando os índios norte-americanos se perfuram na Dança do Sol, quando jovens abastados tomam Ecstasy e dançam a noite toda em uma *rave,* estão buscando o Self. Quando deliberadamente alteramos nossa consciência de alguma forma, estamos tentando encontrar o Self. Quando o

bêbado cai na sarjeta, a voz que lhe diz "Eu o salvarei" vem do Self.

O Self é nosso ser mais profundo.

O Self está unido a Deus.

O Self é incapaz de falsidade

O Self, como o Terreno Divino que o permeia, está sempre crescendo e evoluindo.

O Self fala para o futuro.

É por isso que o Ego o odeia.

O Ego odeia o Self porque quando colocamos nossa consciência no Eu, liquidamos o Ego.

O Ego não deseja a nossa evolução. O Ego comanda o espetáculo agora

mesmo. Quer que as coisas permaneçam como estão.

O instinto que nos empurra para a arte é o impulso para evoluir, para aprender, para aperfeiçoar e elevar nossa consciência. O Ego o detesta. Porque quanto mais despertos nos tornamos, menos precisamos do Ego.

O Ego detesta quando o escritor recém-despertado senta-se à máquina de escrever. O Ego detesta quando o aspirante a pintor posiciona-se

em frente ao cavalete.

O Ego detesta tudo isso porque sabe que essas almas estão despertando para uma vocação e que essa vocação vem de um plano mais nobre do que o material e de uma fonte mais profunda e mais poderosa do que a física.

O Ego detesta o profeta e o visionário porque eles impulsionam a raça humana para cima. O Ego detestava Sócrates e Jesus, Lutero e Galileu, Lincoln, JFK e Martin Luther King.

O Ego detesta artistas porque eles são os desbravadores e portadores do futuro, porque cada um deles ousa. Nas palavras de James Joyce, "forjar na oficina de minha alma a consciência privada de existência da minha raça".

Tal evolução é ameaçadora para o Ego. Ele reage à altura. Usa sua astúcia e prepara suas tropas.

O Ego produz a Resistência e ataca o artista em formação.

MEDO

A Resistência se alimenta do medo. Nós experimentamos a Resistência quanto sentimos medo. Mas medo de quê?

Medo das consequências de seguir nosso coração. Medo da falência, medo da pobreza, medo da insolvência. Medo de nos humilharmos quando tentamos vencer por nós mesmos e de nos humilharmos quando desistimos e voltamos de joelhos para a estaca zero. Medo de sermos egoístas, de sermos péssimas esposas ou maridos infiéis; medo de não conseguir sustentar nossas famílias, de sacrificar seus sonhos pelos nossos. Medo de trair nossos semelhantes, nossos companheiros, nossos familiares. Medo do fracasso. Medo do ridículo. Medo de desperdiçar a educação, o treinamento, o preparo pelos quais aqueles que amamos se sacrificaram tanto, pelos quais nós mesmos nos esforçamos tanto. Medo de nos lançarmos no vazio, de nos arriscarmos longe demais lá fora; medo de ultrapassar o ponto de onde não há mais volta, depois do qual não podemos renunciar, não podemos voltar atrás, não podemos cancelar, mas com cuja arrogante escolha temos que conviver para o resto de nossas vidas. Medo da loucura. Medo da insanidade. Medo da morte.

São todos medos sérios. Mas não são o medo real. Não o Grande Medo, a Mãe de Todos os Medos, que está tão perto de nós que mesmo quando o verbalizamos, não acreditamos nele.

Medo de que sejamos bem-sucedidos.

De que possamos acessar as forças que secretamente sabemos que possuímos.

De que possamos nos tornar a pessoa que sentimos em nossos corações que realmente somos.

Essa é a perspectiva mais terrível que um ser humano pode enfrentar, porque o expele, de um golpe só (ele imagina) de todas as inclusões tribais

para as quais sua psique está programada e tem estado por cinquenta milhões de anos

Tememos descobrir que somos mais do que achamos que somos. Mais do que nossos pais/filhos/professores pensam que somos. Tememos possuir realmente o talento que nossa vozinha interior sussurra que temos. Tememos realmente possuir a coragem, a perseverança, a capacidade. Tememos realmente poder manobrar nosso navio, fincar nossa bandeira, alcançar nossa Terra Prometida. Tememos porque, se for verdade, seremos afastados de tudo que conhecemos. Atravessaremos uma membrana. Seremos monstros e monstruosos. Sabemos que, se abraçarmos nossos ideais, teremos que nos mostrar dignos deles. E isso nos apavora. O que será de nós? Perderemos nossos amigos e família, que não nos reconhecerão mais. Acabaremos sozinhos, no vazio glacial do espaço estrelado, sem nada ou ninguém a que se agarrar.

É claro, é exatamente isso que acontece. Mas o truque é o seguinte. Acabamos no espaço, mas não sozinhos. Ao contrário, somos capturados em uma insaciável, inesgotável, inexaurível fonte de sabedoria, consciência e companheirismo. Sim, perdemos amigos. Mas também encontramos amigos, em lugares onde nunca imaginamos procurar. E são amigos melhores, mais verdadeiros. E nós somos melhores e mais leais com eles.

Acredita em mim?

O SELF AUTÊNTICO

Você tem filhos?

Então sabe que nenhum deles surgiu como *tabula rasa*, uma lousa em branco. Cada um deles veio a este mundo com uma personalidade distinta e única, uma identidade tão definida que você pode lançar pó cósmico e grandes bolas de fogo contra ela sem lhe causar o menor dano. Cada criança era o que era. Até gêmeos idênticos, constituídos exatamente do mesmo material genético, eram radicalmente diferentes desde o primeiro dia e para sempre o seriam.

Pessoalmente, concordo com Wordsworth:

Nosso nascimento não passa de um sono e de um esquecimento:
A alma que se ergue conosco, a estrela de nossa vida,
Habitava um outro lugar
E vem de longe:
Não completamente esquecida
E não inteiramente nua,
Mas vimos seguindo nuvens de glória,
De Deus, que é nosso lar.

Em outras palavras, nenhum de nós nasce como manchas genéricas passivas, à espera que o mundo imprima sua marca em nós. Ao contrário, surgimos já possuindo uma alma altamente refinada e individualizada.

Outra maneira de considerar a questão é: não nascemos com escolhas ilimitadas.

Não podemos ser qualquer coisa que queiramos ser.

Vimos a este mundo com um destino pessoal e específico. Temos um trabalho a fazer, uma vocação a exercer, um eu a se tornar. Somos quem

somos desde o berço e estamos presos a isso.

Nossa função nesta vida não é nos moldarmos segundo algum ideal que imaginamos que deveríamos ser, mas descobrirmos quem já somos e nos tornarmos esta pessoa.

Se nascemos para pintar, devemos nos tornar pintores.

Se nascemos para criar e educar filhos, devemos nos tornar mães.

Se nascemos para pôr um fim à ordem de ignorância e injustiça no mundo, devemos perceber isso e lançar mãos à obra.

TERRITÓRIO *VERSUS* HIERARQUIA

No reino animal, os indivíduos se definem em um dos dois modos a seguir: por sua posição em uma hierarquia (uma galinha em sua *pecking order* a ordem de ciscar das galinhas —, um lobo numa alcatéia, etc.) ou por sua ligação a um território (a terra natal, uma região de caça, uma área de atuação ou influência).

É assim que os indivíduos — tanto os seres humanos quanto os animais — alcançam a segurança psicológica. Sabem onde pisam. O mundo faz sentido.

Das duas orientações, a hierárquica parece ser a padrão. É a que surge automaticamente quando somos crianças. Naturalmente, nos reunimos em bandos e facções; sem pensar a respeito, nós sabemos quem é o chefão e quem é o oprimido. E sabemos nosso próprio lugar. Nós nos definimos ao que parece instintivamente, pela nossa posição dentro da escola, da gangue, do clube.

Somente mais tarde na vida, em geral após uma severa educação na universidade dos golpes duros, é que começamos a explorar a alternativa territorial.

Para alguns de nós, isso salva nossas vidas.

A ORIENTAÇÃO HIERÁRQUICA

A maioria de nós define a si mesmos pela hierarquia e nem sequer o sabe. É difícil não fazê-lo. A escola, a propaganda, toda a cultura materialista nos treinam desde o nascimento a definir a nós mesmos pela opinião dos outros. Beba esta cerveja, conquiste este cargo, tenha esta aparência e todos o amarão.

O que é hierarquia, afinal?

Hollywood é uma hierarquia. Assim como Washington, Wall Street e as Filhas da Revolução Americana.

A escola secundária é o exemplo máximo de hierarquia. E funciona; numa área tão pequena, a orientação hierárquica é bem-sucedida. A líder de torcida sabe onde ela se encaixa, assim como o *nerd* no clube de xadrez. Cada um encontrou um nicho. O sistema funciona.

No entanto, há um problema com a orientação hierárquica. Quando os números tornam-se grandes demais, o sistema desmorona. A *pecking order* só pode abranger um determinado número de aves. Na escola secundária de Massapequa você pode encontrar seu lugar. Mude-se para Manhattan e o truque não funciona mais. A cidade de Nova York é grande demais para funcionar como uma hierarquia. Igualmente, a IBM. Igualmente, a Universidade de Michigan. O indivíduo em meio a multidões tão vastas sente-se atônito, anônimo. É tragado pela massa. Sente-se perdido.

Parece que nós, seres humanos, fomos programados pelo nosso passado evolutivo para atuar mais confortavelmente em uma tribo de vinte a, digamos, oitocentos integrantes. Podemos estender esse número a alguns milhares, até mesmo a cinco algarismos. Mas, em determinado ponto, esse número extrapola. Nosso cérebro não consegue arquivar tantos rostos. Nos debatemos de um lado para o outro, exibindo nossos símbolos de *status* (Ei, o que acha do meu Lincoln Navigator?) e se perguntando por que ninguém dá a mínima. Entramos na Sociedade de Massa. A hierarquia é grande demais. Já

não funciona.

O ARTISTA E A HIERARQUIA

Para o artista, definir-se hierarquicamente é fatal.

Examinemos o porquê. Primeiro, analisemos o que acontece numa orientação hierárquica.

Um indivíduo que se define pelo seu lugar numa *pecking order* irá:

1. Competir contra todos os outros, procurando elevar sua posição avançando contra aqueles que estão acima dele, enquanto defende seu lugar contra os que estão abaixo.

1. Avaliar sua felicidade/sucesso/desempenho pelo seu nível dentro da hierarquia, sentindo-se satisfeito quando estiver nos níveis superiores e infeliz quando estiver nos inferiores.

1. Agir em relação aos outros com base em seu nível hierárquico, à exclusão de todos os demais fatores.

1. Avaliar cada movimento próprio unicamente pelo efeito que produz nos outros. Agirá para os outros, se vestirá para os outros, falará para os outros, pensará para os outros.

Mas o artista não pode buscar nos outros a aprovação de seus esforços ou vocação. Se não me acredita, pergunte a Van Gogh, que produziu uma série de obras-primas e nunca encontrou um comprador em toda a sua vida.

O artista tem que agir territorialmente. Tem que fazer seu trabalho pelo próprio trabalho.

Trabalhar nas artes por qualquer outra razão que não amor é prostituição. Lembre-se do destino dos homens de Odisseu que mataram o gado do Sol.

Os tolos! Sua própria insensatez os desgraçou. Destruir, pela carne, o gado do mais exaltado Sol, razão pela qual o deus-Sol escureceu o dia de sua volta.

Na hierarquia, o artista olha para fora. Ao conhecer alguém novo, pergunta-se: o que esta pessoa pode fazer por mim? Como esta pessoa pode promover o avanço da minha posição?

Na hierarquia, o artista olha para cima e olha para baixo. O único lugar para onde não consegue olhar é exatamente para onde deveria: para dentro de si mesmo.

A DEFINIÇÃO DE UM ESCREVINHADOR

Aprendi isso com Robert McKee. Um escrevinhador, segundo ele, é um escritor que procura adivinhar o que o público quer. Quando o escrevinhador senta-se para trabalhar, não pergunta a si mesmo o que vai em seu próprio coração. Pergunta o que o mercado está buscando.

O escrevinhador condescende à vontade de seu público. Acha-se superior a ele. A verdade é que morre de medo do público ou, mais precisamente, de ser autêntico diante dele, de escrever o que realmente sente ou pensa, aquilo que ele próprio julga interessante. Tem medo de não vender. Assim, procura se antecipar à vontade do mercado (uma palavra significativa) e, então, oferece-lhe aquilo que ele deseja.

Em outras palavras, o escrevinhador escreve hierarquicamente. Escreve o que imagina que será bem aceito aos olhos dos outros. Não pergunta a si mesmo: O que eu desejo escrever? O que acho importante? Ao invés disso, perguntasse: O que está na moda, o que posso negociar? O escrevinhador é como o político que consulta as pesquisas eleitorais antes de assumir uma posição. É um demagogo. Um aproveitador.

Pode valer a pena ser um escrevinhador. Considerando se o estado de depravação da cultura americana, um sujeito esperto pode ganhar milhões como escrevinhador. Mas ainda que seja bem-sucedido, você perde, porque vendeu sua Musa a qualquer preço e sua Musa é você, a melhor parte de si mesmo, de onde vem seu melhor e mais autêntico trabalho

Eu estava passando fome como roteirista de cinema quando a ideia para *The Legend of Bagger Vance* me ocorreu Veio como um livro, não como um filme. Encontrei-me com meu agente para lhe dar a má notícia. Nós dois sabíamos que os primeiros romances levam muito tempo para serem aceitos e

são muito mal remunerados. Pior ainda, um romance sobre golfe, ainda que conseguíssemos encontrar um editor, é um arremesso certo para a lata de lixo.

Mas a Musa havia se apoderado de mim. Eu tinha que escrevê-lo. Para minha surpresa, o livro foi um sucesso de crítica e de vendas maior do que qualquer outro trabalho que eu já tivesse produzido e outros posteriores que também tiveram sorte. Por quê? Meu melhor palpite é o seguinte: eu confiei no que eu queria não no que achava que iria funcionar. Fiz o que eu mesmo achava interessante e deixei a receptividade para os deuses.

O artista não pode realizar seu trabalho hierarquicamente. Tem que trabalhar territorialmente.

A ORIENTAÇÃO TERRITORIAL

Há um coiote de três pernas que mora numa colina em frente à minha casa. Todas as latas de lixo da vizinhança pertencem a ele. É seu território. De vez em quando, um intruso de quatro pernas tenta assumir o comando. Não consegue. Em seu território doméstico até mesmo uma criatura perneta é invencível.

Nós, humanos, também temos territórios. Os nossos são psicológicos. O território de Stevie Wonder é o piano. O de Arnold Schwarzenegger é *a*. academia de ginástica. Quando Bill Gates para o carro no estacionamento da Microsoft, ele está em seu território. Quando me sento para escrever, estou no meu.

Quais são as qualidades de um território?

1. *Um território proporciona sustento.* Os corredores sabem o que é um território. Assim como os praticantes de canoagem, ioga e escalada de rochas. Artistas e empreendedores sabem o que é um território. O nadador que se enrola na toalha depois de terminar seu treino sente-se muito melhor do que a pessoa cansada, irritada, que mergulhou na piscina há trinta minutos.

1. *Um território nos sustenta sem nenhuma fonte de alimentação externa.* Um território é um circuito fechado de realimentação. Nosso papel é dedicar-lhe esforço e amor; o território absorve o que oferecemos e o devolve para nós na forma de bem-estar. Quando os especialistas nos dizem que o exercício físico (ou

qualquer outra atividade que requeira esforço) elimina a depressão, é a isso que estão se referindo.

1. *Um território só pode ser reclamado por alguém sozinho.* Você pode unir-se a um parceiro, pode trabalhar com um amigo, mas você precisa apenas de você mesmo para sorver o néctar de seu território.

1. *Um território só pode ser reclamado com trabalho.* Quando Arnold Schwarzenegger entra na academia, ele está em seu próprio território, mas o que fez dele seu território foram as horas e anos de suor que ele investiu para reclamá-lo. Um território não dá, ele devolve.

1. *Um território devolve exatamente o que você investiu.* Os territórios são justos. Toda a energia que você investe é infalivelmente creditada em sua conta. Um território nunca se desvaloriza. Um território nunca sofre uma quebra. O que você depositou, você recebe de volta, cada centavo.

Qual é o seu território?

O ARTISTA E O TERRITÓRIO

O ato de criação é, por definição, territorial. Como a futura mãe carrega a criança dentro de si, o artista ou inovador abriga sua nova vida. Ninguém pode ajudá-la a dar à luz. Mas ela também não precisa de nenhuma ajuda.

A mãe e o artista são protegidos pelo céu. A sabedoria da natureza determinará a hora para a vida que está no interior mudar de guelras para pulmões. Ela sabe, até o último nano segundo, quando a primeira unha minúscula deverá aparecer.

Quando o artista age hierarquicamente, causa um curto-circuito na Musa. Insulta-a e deixa-a enfurecida.

O artista e a mãe são veículos, não geradores. Não criam a nova vida, apenas a carregam. É por isso que o nascimento é uma experiência tão subjugante. A nova mãe chora assombrada diante do pequeno milagre em seus braços. Sabe que saiu dela, mas não veio dela, por meio dela, mas não dela.

Quando o artista trabalha territorialmente, reverencia o céu. Alinha-se com as forças misteriosas que movem o universo e que buscam, através dele, trazer à luz uma nova vida. Ao realizar seu trabalho pelo próprio trabalho, coloca-se a serviço dessas forças.

Lembre-se, como artistas não sabemos nada. Desenvolvemos as nossas potencialidades diariamente. Tentar prever a Musa do modo como um escrevinhador prevê seu público é ter uma atitude condescendente com o céu. É blasfêmia e sacrilégio.

Ao invés disso, vamos nos fazer a mesma pergunta que uma futura mãe faz: O que sinto crescer dentro de mim? Permita que eu o traga ao mundo, se eu puder, para seu próprio bem e não pelo que possa fazer por mim ou porque possa me fazer avançar na escala hierárquica.

A DIFERENÇA ENTRE TERRITÓRIO E HIERARQUIA

Como podemos saber se nossa orientação é territorial ou hierárquica?

Uma das maneiras é perguntar a nós mesmos: Se eu me sentisse muito ansioso, o que faria? Se pegarmos o telefone e ligarmos para seis amigos, um após o outro, com o objetivo de ouvir suas vozes e nos assegurarmos de que ainda nos amam, estaremos agindo hierarquicamente.

Estaremos buscando a boa opinião dos outros a nosso respeito.

O que Arnold Schwarzenegger faria num dia estranho? Não ligaria para os amigos; iria para a academia de ginástica. Não se importaria se o lugar estivesse vazio, se não dissesse uma palavra a uma alma sequer. Sabe que exercitar-se, sozinho, é o suficiente para reconduzi-lo ao seu equilíbrio.

Sua orientação é territorial.

Eis outro teste. Sobre qualquer atividade que você desenvolva, pergunte a si mesmo: Se eu fosse a última pessoa no mundo, continuaria a desenvolver essa atividade?

Se você estiver absolutamente sozinho no planeta, uma orientação hierárquica não fará sentido. Não há ninguém a quem você queira impressionar. Portanto, se você ainda assim continuaria com sua atividade, parabéns. Você está trabalhando territorialmente.

Se Arnold Schwarzenegger fosse o último homem na Terra, ainda assim ele iria para a academia de ginástica. Stevie Wonder ainda tocaria seu piano. Eles obtêm sustento da atividade em si e não da impressão que causam sobre os outros. Tenho uma amiga que é louca por roupas. Se fosse a última mulher na face da Terra, iria direto para a Givenchy ou a St. Laurent, arrombaria a porta e começaria a saquear a loja. No caso dela, não seria para impressionar as pessoas. Ela simplesmente adora roupas. Este é seu território.

E quanto a nós como artistas?

Como realizamos nosso trabalho? Hierarquicamente ou territorialmente?

Se ficássemos enlouquecidos, iríamos para lá primeiro?

Se fôssemos as últimas pessoas no mundo, ainda assim apareceríamos no estúdio, na sala de ensaios, no laboratório?

A VIRTUDE SUPREMA

Certa vez, alguém pediu ao rei de Esparta, Leônidas, para identificar a suprema virtude do guerreiro, da qual advinham todas as outras. Ele respondeu:

— Desprezo pela morte.

Para nós artistas, leia-se "fracasso". O desprezo pelo fracasso é nossa principal virtude. Ao confinar nossa atenção territorialmente aos nossos próprios pensamentos e ações — em outras palavras, ao trabalho e suas exigências —, nós derrubamos o inimigo pintado de azul, empunhando seu escudo e brandindo sua lança.

OS FRUTOS DE NOSSO TRABALHO

Quando Krishna instruiu Arjuna de que ternos direito ao nosso trabalho, mas não aos frutos de nosso trabalho, aconselhava o guerreiro a agir territorialmente, não hierarquicamente. Temos que realizar nosso trabalho por ele mesmo, não pela fortuna, atenções ou aplauso que possa nos angariar. Depois, existe o terceiro modo proferido pelo Lorde da Disciplina, que está além da hierarquia e do território. É fazer o trabalho e entregar a Ele. Doá-lo como uma oferenda a Deus.

Dê-me o ato.
Purgado de esperança e ego,
Fixe sua atenção na alma.
Aja e realize por mim.

De qualquer forma, a obra vem do céu. Por que não entregá-la de volta?

Trabalhar desse modo, diz o *Bhagavad-Gita, é* uma forma de meditação e uma espécie sublime de devoção espiritual. Também está muito próximo, acredito da Realidade Superior. Na verdade, somos servos do Mistério. Fomos colocados aqui na Terra para atuar como agentes do Infinito, para dar vida ao que ainda não existe, mas que existirá, através de nós.

Cada respiração, cada batida do coração, cada evolução de uma célula vem de Deus e é mantida por Deus a todo instante, assim como cada criação, invenção, acorde musical ou verso de poesia, cada pensamento, visão, fantasia, cada maldito fracasso ou golpe de gênio vem da inteligência infinita que nos criou e do universo em todas as suas dimensões, vem do Vazio, do campo de potencial infinito, do caos primordial, da Musa. Reconhecer esta realidade, eliminar todo o ego, deixar que o trabalho flua através de nós e oferecê-lo espontaneamente de volta à sua origem, isso, em minha opinião, é

o mais próximo que podemos chegar da realidade.

RETRATO DO ARTISTA

Por fim, chegamos a uma espécie de modelo do mundo do artista, e esse modelo é que há outros planos mais altos de realidade, sobre os quais nada podemos provar, mas dos quais originam-se nossas vidas, nosso trabalho, nossa arte. Essas esferas tentam se comunicar com as nossas. Quando Blake disse que a Eternidade está apaixonada pelas criações do tempo, referia-se àqueles planos de puro potencial, que não são definidos por tempo, lugar ou espaço, mas que anseiam dar vida às suas visões aqui, neste mundo limitado pelo tempo e pelo espaço.

O artista é o servo dessa intenção, desses anjos, dessa Musa. O inimigo do artista é o medíocre Ego, que gera Resistência, que é o dragão que guarda o ouro. É por isso que o artista tem que ser um guerreiro e, como todos os guerreiros, com o tempo os artistas adquirem modéstia e humildade. Podem alguns deles, adotar uma atitude exibicionista em público. Mas sozinhos com seu trabalho são simples e naturais. Sabem que não são a origem das criações às quais dão vida. Apenas facilitam a tarefa. São apenas portadores. São os instrumentos hábeis e dispostos dos deuses e deusas a quem servem.

A VIDA DO ARTISTA

Você é um escritor inato? Veio ao mundo para ser um pintor, um cientista, um apóstolo da paz? Ao final, a pergunta só pode ser respondida pela ação.

Fazer ou não fazer o trabalho.

Pode ajudar pensar dessa forma. Se você foi destinado a descobrir a cura do câncer, escrever uma sinfonia, conseguir realizar a fusão a frio e não o fizer você não apenas causará 'mal a si próprio. Ou até mesmo se destruirá. Você causará mal a seus filhos. Causará mal a mim. Causará mal ao planeta.

Você envergonha os anjos que o protegem e contraria o Todo-Poderoso, que criou você e apenas você com seus dons exclusivos, com o único objetivo de empurrar a raça humana um milímetro para a frente, em seu longo caminho de volta a Deus.

O trabalho criativo não é um ato egoísta ou um pedido de atenção por parte do ator. É uma dádiva para o mundo e para todo ser vivo que o habita. Não nos prive de sua contribuição. Dê-nos o que você possui.

AGRADECIMENTOS

Pela generosa permissão para citar seus trabalhos, o autor agradece às seguintes fontes:

Boogie Chillen
Compositores: John Lee Hooker/Bernard Besman
@ 1998 Careers — BMG Music Publishing, Inc. (BMI)
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. USADO SOB LICENÇA.

Working Class Hero
Copyright 1970 (Renovado) Yoko Ono. Sean Lennon e Julian Lennon.
TODOS OS DIREITOS ADMINISTRADOS POR SONY/ATV

Music PUBLISHING, 8 Music SQUARE WEST, NASHVILLE, TN 37203. TODOS os DIREITOS RESERVADOS. USADO SOB LICENÇA.

Reimpresso sob licença de Lawrence Kasdan de *The Big Chill* © 1983.
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

The Searchers
Autor: Frank S. Nugent © 1956

Reimpresso sob licença dos editores e deTrustees of the Loeb
Classical Library, de *Xenophon: volume VII - Scripta Minora,*

Loeb Classical Library,Vol. 183, traduzido por E. C. Marchant, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1925, 1968.

LOEB CLASSICAL LIBRARY® É MARCA REGISTRADA DA
PRESIDENT AND FELLOWS OF HARVARD COLLEGE.

STE LIVRO É SOBRE O TALENTO QUE VOCÊ SABE QUE POSSUI E QUER DIVIDIR COM A HUMANIDADE.

SOBRE PROJETOS HÁ MUITO ACALENTADOS, SEJAM ELES ESCREVER UM LIVRO, COMECAR UMA OBRA SOCIAL OU UM NEGOCIO, No ENTANTO, O PRIMEIRO PASSO PARECE SEMPRE IMPOSSIVEL. ENTRE VOCE E SEU OBJETIVO, EXISTE UMA MONTANHA OE OBSTACULOS. E MESMO QUE NA MAIORIA DAS VEZES ELES SEJAM IMAGINARIOS, PARECEM, AQUI E AGORA, INTRANSPONIVEIS.

ASSIM COMO OE NADA VALE TODO O ESFORÇO DO MUNDO SEM TALENTO E UM POUCO DE SORTE, TALENTO E SORTE NÃO BASTAM PARA QUEM NÃO SE ESFORÇA. STEVEN PRESSFIELD ENSINA O LEITOR A BUSCAR SUAS MUSAS ONDE ESTAO ESCONDIDAS, E A CHAMAR OS ANJOS DE MANEIRA QUE ELES RESPONDAM. LEIA *A GUERRA DA ARTE* COMO O PRIMEIRO PASSO

PARA UMA VIDA DIFERENTE, NA QUAL VOCE TOMA A ATITUDE.